

Como Escrever *um Livro?*

*Transformando Sonhos
em Realidade*



FLÁVIO DELLAZZANA

Dedicatória:

Esta obra é dedicada a todos os Irmãos escritores que, em silêncio e coragem, colocaram seus sonhos no papel sem se deixarem paralisar pelo receio das críticas, compreendendo que toda palavra escrita é um risco assumido e, ao mesmo tempo, um ato de fidelidade a si, à própria trajetória e ao tempo interior que solicita forma. Dedico também aos futuros escritores, àqueles que ainda não se permitiram começar ou que hesitam diante da página em branco, para encontrarem aqui não um modelo a ser seguido, mas um companheiro de caminho, um sinal de que escrever é possível quando o compromisso supera o medo e a constância vence a insegurança. Registro, com sincera gratidão, meu agradecimento ao Irmão Luiz Mendes Zanis, da Washington Lodge, cuja escuta atenta e cujo incentivo discreto despertaram em mim o desejo de transformar a experiência acumulada em um guia de orientação aos Irmãos, não como quem ensina de cima, mas como quem caminha ao lado, compartilhando acertos, limites e aprendizados. Se este livro existe, é porque esse diálogo inicial revelou que escrever também pode ser um gesto de serviço, uma forma de devolver à Obra aquilo que ela silenciosamente construiu em nós.

ISBN: 978-65-01-86935-3

Como Escrever um Livro?

Transformando Sonhos em Realidade

FLÁVIO DELLAZZANA



Prefácio

Há livros que chegam ao mundo como quem bate à porta; outros, porém, parecem ter sido preparados no silêncio de uma oficina interior, onde a mão trabalha, a mente ordena e o espírito aguarda o instante certo de falar.

Este livro pertence a essa segunda família.

Ele não nasce da pressa, nem da vaidade, nem do desejo frágil de acrescentar um título a uma estante. Nasce de algo mais antigo e mais nobre: a vontade de transmitir.

E transmitir, quando feito com verdade, é um dos mais belos serviços que um Irmão pode prestar àqueles que caminham depois dele.

O leitor perceberá, desde as primeiras páginas, que não está diante de um tratado frio sobre técnicas de escrita. Está diante de um caminho.

E todo caminho digno desse nome possui pedras, poeira, desvios, cansaço, pequenas luzes ao longe e, sobretudo, a necessidade de continuar andando.

Escrever um livro é isso: caminhar.

O pensamento começa como uma centelha. Depois se torna inquietação. Mais tarde, exige forma. E então chega o instante em que o homem já não consegue apenas guardar dentro de si aquilo que recebeu da vida, dos estudos, da Ordem, dos erros, dos acertos e das longas horas de silêncio.

Ele precisa escrever, não porque domina tudo, mas por compreender o suficiente para oferecer algo.

A pedra bruta não se transforma por decreto. Nenhum cinzel a aperfeiçoa sem repetição. Nenhuma construção se ergue sem medida, prumo e paciência. Assim também ocorre com o livro. A primeira frase nasce raramente perfeita. O primeiro capítulo quase nunca sabe ainda aonde vai. A obra se revela enquanto é trabalhada, e muitas vezes é o próprio texto que ensina o autor a compreendê-lo.

Flávio Dellazzana escreve a partir dessa consciência.

Não se coloca como mestre distante, nem como dono de uma fórmula. Fala como quem esteve sentado diante da página em branco, sentiu sua resistência, venceu algumas batalhas e perdeu outras, mas permaneceu.

E permanecer, em matéria de escrita, já é uma forma elevada de vitória.

Este livro tem a rara virtude de unir simplicidade e profundidade.

Ele fala de pastas, arquivos, horários, revisões, bibliografia, índice, ISBN, impressão e método; mas por baixo desses instrumentos visíveis corre uma corrente mais funda.

A verdadeira matéria deste livro não é apenas como escrever. É como transformar intenção em obra. É como impedir que um sonho morra por falta de disciplina. É como fazer com que uma ideia, antes escondida na câmara silenciosa da mente, encontre corpo, voz e destino.

E isso importa.

Importa porque muitos Irmãos carregam livros inteiros dentro de si e, jamais os escrevem. Alguns esperam o tempo ideal. Outros aguardam a inspiração perfeita. Outros temem a crítica, o erro, o julgamento ou a própria insuficiência.

Assim, páginas que poderiam iluminar permanecem invisíveis; experiências que poderiam orientar se perdem; reflexões amadurecidas no silêncio nunca chegam à mesa de outro buscador.

Este livro se levanta contra esse desperdício.

Ele não promete facilidade, e faz bem em não prometer.

A facilidade, quando aparece cedo demais, costuma ser inimiga das obras duradouras. O autor prefere oferecer algo melhor: direção. Mostra que o livro não nasce de um clarão único, mas de pequenas fidelidades repetidas. Uma hora pela manhã. Um parágrafo corrigido. Uma fonte conferida. Uma página relida. Um capítulo reorganizado. Um cuidado a mais antes de entregar ao mundo aquilo que levará o nome do autor.

Há sabedoria nisso.

Especialmente quando se escreve sobre Maçonaria, pois a palavra maçônica deve carregar medida. Não pode ser fraca, para não reduzir o símbolo. Não pode ser leviana, para não deformar a tradição. Não pode ser vaidosa, para não colocar o autor acima da Obra. Deve sugerir sem profanar, esclarecer sem vulgarizar, conduzir sem substituir a experiência viva que pertence ao Templo, ao tempo e ao coração do Iniciado.

Neste ponto, a obra revela sua maturidade. Ela compreende que escrever é também guardar.

Que ensinar não é despejar tudo sobre a mesa.

Que há verdades que se dizem melhor por aproximação, por imagem, por silêncio e por reverência.

O bom escritor maçônico não arranca os véus com violência; ele acende uma lâmpada diante deles, para o leitor perceber haver algo ali e deseje, por seus próprios passos, aproximar-se.

Este livro, portanto, não é apenas útil. É necessário.

Necessário porque devolve ao escritor iniciante a coragem de começar. Necessário porque lembra ao escritor experiente que método não diminui inspiração, apenas lhe oferece morada. Necessário porque recorda aos Irmãos que a escrita, quando honesta, também é construção do Templo.

Pois cada livro verdadeiro é uma pequena arquitetura erguida contra o esquecimento.

Alguns edifícios são feitos de pedra. Outros, de palavra. Uns abrigam corpos; outros abrigam consciências. Mas ambos exigem fundação. Ambos pedem proporção. Ambos denunciam, com o tempo, se foram erguidos com pressa ou com amor.

Que o leitor entre, então, nestas páginas como quem entra numa oficina iluminada pela manhã.

Não encontrará ouro pronto sobre a mesa, mas ferramentas.

Não encontrará dogmas, mas experiências. Não encontrará um caminho imposto, mas marcas deixadas por alguém que caminhou antes e teve a generosidade de indicar onde o chão é firme, onde a subida pesa e onde a paisagem começa a se abrir.

E se, ao final, um único Irmão fechar este livro, abrir um arquivo em branco e decidir escrever aquilo que há anos dorme em sua alma, a obra já terá cumprido sua missão.

Porque uma palavra escrita com verdade não termina na página.

Ela segue.

Ela toca outra mente.

Ela desperta outra vontade.

Ela acende outra luz.

E assim, de livro em livro, de Irmão em Irmão, de silêncio em silêncio, a construção continua.

Irmão Anônimo - *Silentium et anonymitas aequae valent ac lapis angularis.*

ÍNDICE

Dedicatória.....	02
Prefácio.....	05
Segunda Edição.....	13
INTRODUÇÃO.....	19
A VISÃO DO CAMINHO.....	23
O BÁSICO.....	27
Arquivo de Segurança.....	29
Estilos do Word.....	30
PRIMEIRO PASSO.....	31
PESQUISA COM CRITÉRIO.....	34
SEGUNDO PASSO.....	37
A ROTINA QUE SALVA O LIVRO.....	41
TERCEIRO PASSO.....	45
Teste do Leitor.....	49
QUARTO PASSO.....	53
REVISÃO HUMANA.....	57
QUINTO PASSO.....	61
SEXTO PASSO.....	65
Checklist.....	69
SÉTIMO PASSO.....	73
Obrigatórios e Opcionais.....	79
PROVA FINAL.....	83
FICHA CATALOGRÁFICA E ISBN.....	85
IMPRESSÃO DO LIVRO.....	91
CLUBE DE AUTORES.....	95
O Preparo do Miolo.....	96
Capa e Contracapa.....	97
Preço e Margem.....	98
Distribuição e Estratégia.....	99
OS PASSOS DE GIGANTES.....	101
REFLEXÃO PESSOAL.....	105
PALAVRAS FINAIS.....	107
BIBLIOGRAFIA.....	109
BIBLIOGRAFIA COMENTADA.....	113



Segunda Edição

Atendendo aos pedidos dos Irmãos, lanço esta segunda edição, agora com índice, prefácio e uma informação inicial que passou despercebida na primeira edição: duas questões simples, mas fundamentais: **quando** e **onde** escrever?

Sou casado, não temos filhos, apenas uma cachorra, a Broadway, que, apesar de ser uma Border Collie, é extremamente tranquila. Moro em apartamento e tenho um escritório que, na planta original, era uma suíte. Assim, quase tudo o que me tira do meu lugar de escrita é levantar para buscar café.

Mas, para a maioria, não é bem assim. Muitos têm filhos, compromissos, trabalho presencial, uma rotina mais intensa, e às vezes precisam escrever em um intervalo do expediente ou quando sobra algum tempo em casa. Por isso, não pretendo dizer como se deve escrever, nem onde se deve escrever.

Vou apenas descrever o que eu faço. Não é uma fórmula única e replicável, mas é o meu método.

Gosto de acordar cedo. Normalmente, minhas melhores ideias e meus melhores textos ganham vida entre 6h30 e 7h30. É um momento mais sereno.

Tenho um escritório com cadeira confortável e, embora utilize notebook, comprei teclado e monitor à parte para tornar a escrita mais agradável.

Posso me isolar aqui em qualquer momento do dia e passar um sábado ou domingo inteiro escrevendo, se assim desejar. Minha esposa também é tranquila quanto a isso, e essa compreensão me dá a paz necessária para escrever.

Meu trabalho, hoje, é praticamente todo feito pelo WhatsApp. Sou corretor de imóveis autônomo, sem imobiliária, e atendo meus clientes por mensagem ou aqui em casa. Só raramente saio para mostrar algum imóvel. Trabalho mais com clientes antigos e me concentro em vender apenas em Itapema, sem querer abraçar o mundo.

Com isso, faço meus próprios horários.

Tenho flexibilidade e tempo para escrever.

Mas nem todos têm essa realidade.

Então, vamos lá.

Onde?

Sim, o local ideal é aquele que oferece tranquilidade, serenidade e conforto. Pode ser um escritório com computador, um canto reservado da casa, uma biblioteca, ou mesmo um lugar no meio da natureza. O importante é que você consiga organizar os pensamentos e acessar os recursos de que precisa.

No meu caso, tenho livros ao alcance da mão, internet de alta velocidade para pesquisas, uma cadeira confortável e boa iluminação. O local importa. Para mim, pelo menos, importa muito.

Há também detalhes técnicos que fazem diferença: iluminação adequada, postura, conforto e até meias compressivas, daquelas usadas em avião, excelentes para quem passa muitas horas sentado escrevendo.

Quando?

Como já disse, gosto de escrever entre 6h30 e 7h30. Uma hora por dia parece pouco, mas, se for todos os dias, faz enorme diferença. A constância facilita a concentração, amadurece as informações e ajuda a transmitir ao papel aquilo que está na mente.

Talvez, para você, o melhor horário seja à noite, das 20h40 às 21h20, por exemplo. É um período curto, mas, se for regular, produzirá resultado. O importante é criar um horário fixo, ou ao menos um dia fixo. É preciso organizar-se.

Outra dificuldade real é concatenar os textos: criar sequência, lógica e continuidade, para o leitor conseguir acompanhar a linha de raciocínio. Quando escrevemos, muitas vezes avançamos muito e, de repente, precisamos voltar ao início.

Dou um exemplo. Estou escrevendo um livro sobre o REAA e já trabalhava a parte de Charleston e a organização dos graus. Porém, ao ler um texto americano, encontrei a referência de um Irmão à origem dos graus baseada em um manuscrito francês do qual eu ainda não ouvi falar. Pronto. Precisei procurar o manuscrito, traduzi-lo e estudá-lo.

As informações eram importantes para compreender a origem dos graus escoceses na França. Então lá fui eu voltar ao ponto da chegada dos graus à França, aos graus que ali surgiram, e inserir esse material.

Ao aprofundar o manuscrito, entrei em uma verdadeira “guerra” de fontes: alguns afirmam que os graus nasceram na Escócia; outros, na Inglaterra; outros, na Alemanha; outros, na França. E, assim, abriu-se mais um capítulo.

Meus Irmãos, essas são as palavras desta segunda edição.

São poucas, mas espero que depositem mais uma gota de tinta em suas mentes e permitam que as palavras que nelas dançam encontrem laços com os caracteres.

Antigamente, era poeticamente mais fácil dizer “tinta e papel”. Hoje, talvez digamos “teclas e tela”. Mas a essência permanece a mesma: *escrever é dar forma visível ao invisível*.



INTRODUÇÃO

Só erra quem tem a audácia de retirar da mente o conhecimento e colocá-lo no papel, porque escrever é um gesto de exposição e também de travessia, um movimento silencioso no qual aquilo que era abrigo interior passa a respirar no mundo, sujeito ao olhar alheio, às leituras apressadas e às interpretações que nem sempre alcançam a intenção primeira de quem escreve.

Há uma solidão própria nesse gesto inicial, pois antes de qualquer leitor existir, o Irmão já se encontra diante de si, confrontado com dúvidas, com a imperfeição da linguagem e com a suspeita persistente de que talvez o pensamento não sobreviva intacto à passagem para as palavras. Ainda assim, é somente por essa passagem que a ideia se torna obra, e somente pela obra o pensamento encontra a possibilidade de dialogar com outros caminhos humanos.

Escrever um livro não é um exercício de vaidade, embora muitas vezes assim pareça aos que observam de fora, mas um trabalho paciente de escuta interior, no qual o Irmão aprende a reconhecer o ritmo próprio de suas ideias, aceitando que nem todas surgirão claras, nem todas encontrarão forma imediata, e que algumas precisarão ser abandonadas para que outras amadureçam.

Há momentos em que a escrita se mostra desafiadora, quase hostil, como se o texto resistisse à mão que o conduz, e nesses instantes surge a angústia de quem percebe que pensar é mais fácil do que dizer, e dizer é mais simples do que dizer bem.

Essa tensão não é sinal de fracasso, mas indício de seriedade, pois somente quem leva a própria escrita a sério experimenta o peso dessa responsabilidade silenciosa.

Esperar que os outros vejam o texto com gentileza é um desejo compreensível, mas também uma expectativa que precisa ser depurada ao longo do caminho.

Todo livro, ao nascer, deixa de pertencer inteiramente a quem o escreveu, existindo no espaço das leituras possíveis, algumas generosas, outras severas, muitas delas moldadas mais pela experiência do leitor do que pela intenção do Irmão.

Compreender isso é parte do aprendizado de quem escreve, pois a crítica, quando honesta, pode lapidar, mas quando apressada, revela mais sobre quem lê do que sobre quem escreveu. O escritor que amadurece é aquele que aprende a escutar sem se dissolver, a acolher sem se submeter, e a seguir escrevendo mesmo quando o reconhecimento tarda ou não vem.

Este livro nasce, portanto, como um companheiro de jornada para quem sente o chamado da escrita e, ao mesmo tempo, o receio de não estar à altura desse chamado.

Não oferece fórmulas nem promessas fáceis, mas reflexões construídas a partir da experiência de errar, reescrever, duvidar e insistir, porque escrever é também um ato de coragem serena, uma decisão cotidiana de permanecer fiel ao próprio pensamento mesmo quando ele ainda não encontrou sua forma definitiva.



A VISÃO DO CAMINHO

Antes de entrar nos aspectos práticos da escrita, sinto a necessidade de oferecer uma visão clara do caminho que este livro propõe, não como promessa de resultado nem como método fechado, mas como orientação serena para o Irmão saber onde está pisando e até onde este percurso pode conduzir.

Escrever um livro é uma jornada longa o suficiente para que a desorientação se torne um risco real, e por isso compreender o desenho geral do trajeto ajuda a manter o ânimo quando o entusiasmo inicial cede lugar ao trabalho silencioso e repetido.

Ao longo destas páginas, o Irmão encontrará um percurso que começa na preparação interior e técnica, atravessa a pesquisa, a escrita em fluxo livre, a organização do pensamento, a disciplina da constância, a revisão paciente e, por fim, a estruturação e a publicação da obra.

Nada aqui foi pensado para ser seguido com rigidez, mas tudo foi colocado em uma ordem que reflete a forma como aprendi, errando e ajustando, a transformar uma ideia insistente em um livro concreto, com começo, meio e fim.

Se o Irmão escreve um livro de natureza histórica, encontrará orientações que o ajudarão a lidar com fontes, cronologia, coerência narrativa e responsabilidade com os fatos, sem perder a liberdade interpretativa que dá vida ao texto.

Se o seu desejo é escrever um livro de instrução maçônica, este caminho lhe oferecerá critérios de cautela, coerência e respeito à experiência iniciática, mostrando como sugerir sem expor, ensinar sem empobrecer e refletir sem romper a harmonia do que é vivido em Sala de Loja.

E se o Irmão escreve para o mundo, para leitores que não compartilham da vivência iniciática, encontrará aqui elementos para construir pontes, evitando tanto o hermetismo quanto a simplificação excessiva, permitindo que o leitor compreenda sem que a obra perca densidade.

Este livro não exige que o Irmão comece sabendo tudo, nem que tenha o projeto inteiro desenhado desde o primeiro dia.

Ele solicita somente disposição para caminhar, constância para escrever mesmo quando o texto parece frágil, e humildade para aceitar que a escrita amadurece no tempo, não na pressa.

Ao final do percurso, se o Irmão tiver atravessado cada etapa com honestidade, terá não somente um arquivo cheio de páginas, mas uma obra coerente, revisada, estruturada e pronta para existir no mundo com dignidade.

Considere, portanto, estas páginas como um companheiro de trabalho, não como um manual rígido nem como um oráculo.

Volte a elas quando se sentir perdido, avance quando estiver seguro e permita-se ajustar o ritmo conforme a sua própria realidade.

O caminho está aqui, mas os passos são seus, e é justamente essa combinação entre orientação e liberdade que transforma o ato de escrever em uma construção verdadeira, sustentada pelo tempo, pelo cuidado e pela responsabilidade de quem decide deixar no mundo algo que nasceu do pensamento e encontrou forma no papel.



O BÁSICO

Para muita gente, o básico de um livro começa pela segurança de uma arquitetura já pronta, com temas organizados, material em abundância, um roteiro visual ou mental bem definido, e a sensação de que a história ou o conteúdo já está inteiro antes mesmo de a primeira linha existir, e essa é uma forma legítima de caminhar, porque cada escritor encontra seu próprio modo de transformar pensamento em obra.

No meu caso, eu prefiro tratar o básico como um conjunto de preparos silenciosos, quase como quem organiza o ambiente para a escrita acontecer sem ruído, e não como uma exigência de dominar tudo antecipadamente, pois a verdade é que certas ideias só revelam a própria forma enquanto estão sendo escritas, e o texto, quando ganha corpo, também passa a nos orientar.

Por isso, sem intenção de competir com método algum, e sem pretender ensinar um caminho único, eu apresento somente os passos que considero fundamentais quando começo a escrever, aqueles que me ajudam a sair do mundo das intenções e entrar no mundo da construção.

Primeiro, crio uma pasta na área de trabalho e dentro dela abro um arquivo do Word que já nasce com a identidade do projeto, porque a organização inicial, por mais simples que pareça, reduz dispersões e preserva continuidade.

Em seguida, ajusto a dimensão da página para 16 cm por 23 cm, estabeleço as margens com 1,5 cm em cima e embaixo e 2 cm à esquerda e à direita, e preparo o texto para respirar com um espaçamento entre linhas em múltiplos de 1,2, mantendo os valores de espaçamento antes e depois do parágrafo em zero, pois esse conjunto dá unidade visual e facilita a leitura enquanto o conteúdo ainda está em formação.

No mesmo gesto, eu defino a fonte como Palatino Linotype no tamanho 12 e organizo os recuos para que o bloco de texto se mantenha estável, utilizando recuo à esquerda de 0,3 cm e à direita de 0,6 cm, com recuo especial de primeira linha em 0,6 cm, porque essa pequena disciplina tipográfica cria um campo de trabalho consistente, no qual a mente se sente menos tentada a mexer no que não importa e mais inclinada a seguir adiante no que realmente importa, que é escrever.

Quando o documento já nasce organizado, a página deixa de intimidar e se transforma em um espaço de construção, um chão firme que permite à escrita começar e, gradualmente, encontrar seu próprio caminho.

Arquivo de Segurança

Após organizar a página, escolher a fonte, definir margens e recuos, há um cuidado silencioso que considero parte do básico e muitos só aprendem após uma experiência amarga, a disciplina de arquivo e segurança do texto.

Escrever um livro é investir tempo, atenção e energia intelectual, e nada disso deveria ficar à mercê de um descuido técnico que poderia ser evitado com gestos simples e repetíveis.

No meu trabalho, eu sempre mantenho pelo menos duas cópias do arquivo, uma local, salva no computador, e outra em nuvem, seja no Google Drive, OneDrive ou serviço semelhante.

Não confio somente em um lugar, porque falhas acontecem, computadores travam, arquivos corrompem, e a dor de perder páginas inteiras de escrita é uma dor que não ensina nada, somente desgasta.

Esse cuidado não é paranoia nem excesso de zelo, é respeito pelo tempo investido e pela obra que está sendo construída.

Estilos do Word

Ainda dentro desse cuidado inicial, recomendo fortemente que o Irmão utilize os estilos do Word desde o começo, mesmo que isso pareça desnecessário enquanto o texto ainda está em formação. Trabalhar com “Título 1” para capítulos, “Título 2” para seções internas e “Texto normal” para o corpo do texto cria uma estrutura invisível que, mais adiante, fará toda a diferença.

Esse hábito simples facilita a criação automática do índice, mantém a padronização visual e torna a revisão muito mais fluida, especialmente quando o livro já tem muitas páginas.

É preparar o terreno para que o acabamento não se torne um sofrimento desnecessário.

Quando esses estilos são utilizados desde cedo, o livro cresce organizado, e o Irmão não precisa interromper o pensamento criativo para resolver problemas técnicos na final.

É mais uma forma de reduzir ruído, preservar continuidade e permitir que a energia principal permaneça onde deve estar, na escrita e no desenvolvimento das ideias, e não na tentativa apressada de corrigir o que poderia ter sido simples desde o início.

PRIMEIRO PASSO

Quando a pasta do projeto já existe e o arquivo principal está pronto, eu começo a alimentá-la com conteúdo, reunindo tudo o que consigo sobre o assunto, textos avulsos, trabalhos, capítulos, referências, livros e anotações, porque a escrita, antes de virar forma, precisa de matéria, e essa matéria nasce do encontro paciente com fontes diversas.

Utilizo o ChatGPT como apoio para localizar caminhos, levantar pistas e ampliar possibilidades de pesquisa, mas não fico preso a uma única direção, porque é importante circular por várias fontes, utilizando o Google, consultando bibliotecas digitais, explorando ferramentas de IA que varrem acervos, e também pesquisando em ambientes de aprendizagem maçônico, como o Solomon, da Grande Loja Unida da Inglaterra, ou bancos de trabalhos de Lojas americanas, sem desprezar, quando necessário, o livro físico, que ainda oferece uma densidade particular, tanto pela curadoria quanto pelo contexto.

O que importa aqui é ter munição, pois escrever sem material é como entrar numa guerra com as armas certas, mas sem cartuchos, e por mais afiada que seja a mente, por mais firme que seja a vontade, sem conhecimento reunido de diferentes frentes, o texto perde alcance e começa a repetir o que já foi dito sem perceber.

Nesse ponto, porém, eu faço uma **ADVERTÊNCIA** que considero essencial, especialmente quando o assunto envolve Maçonaria, porque existe uma tentação discreta e perigosa de utilizar a IA como geradora de texto, e isso costuma parecer conveniente, rápido e sedutor, mas quase sempre cobra um preço.

A IA pode soar segura, mas não é tão precisa quanto aparenta, e no universo maçônico ela se engana com frequência, misturando tradições, confundindo contextos, simplificando o que solicita nuance, e oferecendo respostas com forma, mas nem sempre têm fundamento.

Ainda assim, ela pode ajudar muito quando é colocada no lugar correto, porque funciona bem na revisão, na correção, no refinamento de frases, na organização de parágrafos, no enxugamento de trechos longos, e também no apoio a pesquisas pontuais, quando o Irmão sabe o que procura e consegue validar o que encontra.

O ponto decisivo é compreender que ela deve servir à escrita, e não a substituir, pois quando a ferramenta passa a escrever por o Irmão, a obra começa a se afastar das suas mãos e da sua autoria, e mesmo que não exista plágio no sentido técnico, pode nascer um incômodo íntimo, uma sensação de culpa, como se o texto tivesse perdido a marca do Irmão e o timbre de quem realmente viveu o pensamento.

Por isso, o essencial é gerar o conteúdo com suas próprias palavras, com sua escrita e com seu discernimento, utilizando a IA para melhorar, corrigir, reescrever e organizar, mas sem entregar a ela a ideia central, o pensamento vivo e a construção do conteúdo que vai para o papel, porque essa é a parte que confere identidade ao livro e sustenta sua verdade interior.

No fim, a ferramenta é valiosa, mas o Irmão precisa permanecer no centro do processo, e é isso que preserva o livro como obra sua, com voz própria, com profundidade real e com responsabilidade, de modo que o texto, ao chegar aos outros, leve consigo não somente informação, mas presença.

PESQUISA COM CRITÉRIO

Após compreender o lugar correto da IA no processo de escrita, é necessário falar da pesquisa em si, porque escrever sem critério de fontes é um dos caminhos mais rápidos para produzir um texto frágil, repetitivo ou, pior, incorreto.

O Irmão não precisa se transformar em acadêmico nem adotar uma postura universitária rígida para escrever bem, mas precisa desenvolver um senso de hierarquia das informações, entendendo que nem toda fonte tem o mesmo peso e a pressa costuma empurrar o Irmão para conteúdos fáceis, porém pouco confiáveis.

No meu método, eu organizo a pesquisa em três camadas.

A primeira é composta pelas fontes primárias, sempre que elas estão disponíveis, documentos históricos, rituais públicos, atas, manuscritos, textos clássicos, obras de referência e registros diretos do período ou do tema estudado.

Essas fontes são mais exigentes, solicitam leitura atenta e, muitas vezes, interpretação cuidadosa, mas oferecem uma base sólida que reduz drasticamente o risco de repetir equívocos já consolidados por leituras superficiais.

A segunda camada é formada pelas fontes secundárias confiáveis, livros de autores reconhecidos, artigos bem fundamentados, trabalhos de Irmãos que demonstram seriedade e coerência, e materiais que dialogam de forma honesta com as fontes primárias.

Aqui o cuidado não é somente com o nome do Irmão, mas com a consistência do texto, com as referências utilizadas e com a capacidade de distinguir fato, interpretação e opinião, porque uma boa fonte secundária não substitui a primária, mas ajuda a iluminá-la.

A terceira camada reúne os registros de apoio, anotações pessoais, conversas, palestras, vídeos, conteúdos digitais e até respostas da própria IA, quando bem direcionadas.

Esses materiais não devem sustentar o texto sozinhos, mas funcionam como auxiliares de organização, comparação e ampliação de perspectivas, desde que o Irmão tenha clareza de que eles precisam ser sempre confrontados com fontes mais sólidas antes de serem incorporados à obra.

Um cuidado que recomendo desde o início é registrar a bibliografia à medida que a pesquisa avança, anotando autor, título, ano e, quando possível, página ou contexto de uso.

Esse hábito simples evita o desgaste de tentar reconstruir referências no final do processo, quando o livro já está pronto e a memória falha, além de preparar naturalmente o caminho para a organização posterior em padrão ABNT, que abordarei mais adiante.

Pesquisar com critério é, portanto, um ato de respeito consigo e com o leitor, porque protege o texto do erro fácil, da repetição inconsciente e da superficialidade que nasce da pressa.

Quando a pesquisa é feita com consciência, a escrita ganha densidade, a argumentação se sustenta e o livro passa a oferecer não somente opinião, mas fundamento, permitindo que a obra permaneça de pé mesmo quando o tempo passa e o entusiasmo inicial já não está mais presente.

SEGUNDO PASSO

Após ler o conteúdo, de percorrer as referências e de permitir que o tema se assente na mente, chega um momento silencioso e decisivo em que já não se trata mais de buscar informação, mas de assumir a responsabilidade de dizer algo a partir do que foi compreendido.

Você já sabe sobre o que quer falar, carrega em si as ideias, as imagens, as conexões e também o seu próprio modo de entender o conhecimento, e é justamente aí que começa a etapa mais delicada e mais verdadeira da escrita, que é colocar tudo isso no papel sem tentar ainda organizar o mundo.

Nesse instante, não se preocupe com títulos, subtítulos, imagens, notas, diagramas ou qualquer detalhe editorial, porque tudo isso pertence a uma fase posterior, quando o texto já tiver corpo e identidade, e tentar resolver essas questões antes do tempo costuma interromper o fluxo do pensamento e enfraquecer a escrita.

Também não é o momento de vigiar a gramática, de corrigir cada frase ou de interromper o raciocínio para ajustar a forma, pois esse tipo de cuidado precoce cria um ruído interno que paralisa a criação.

O que importa agora é desenvolver o pensamento, permitir que ele se estenda, se repita quando necessário, se refine por aproximação e encontre, pouco a pouco, sua própria voz.

Por isso, eu utilizo o método de digitar sem olhar para a tela, mantendo os olhos no teclado e a atenção voltada para dentro, como se estivesse falando consigo mesmo, extraindo da mente o conteúdo acumulado e sorvendo das memórias aquilo aprendido, vivido e refletido ao longo do tempo.

Esse gesto ajuda a driblar o julgamento imediato e cria um espaço de liberdade onde o texto pode nascer imperfeito, mas vivo.

Ao final desse processo, o texto estará certamente cheio de erros, repetições, frases longas demais e passagens confusas, e isso não deve causar desconforto, porque faz parte da natureza desse primeiro jorro criativo.

A lapidação vem depois, e para isso existem ferramentas que cumprem muito bem o papel de correção e refinamento, como o próprio ChatGPT, quando utilizado com critério, além de recursos específicos como o LanguageTool, que em sua versão paga oferece correções profundas e contextualizadas, e o ProWritingAid, outra ferramenta paga que também se mostra excelente para ajustes de estilo, clareza e coesão.

Essas ferramentas entram como artesãos pacientes que polirão a pedra bruta, mas é fundamental lembrar que a pedra precisa existir antes de ser lapidada.

Esse momento inicial da escrita é, portanto, um exercício de confiança, confiança no que foi aprendido, confiança na própria capacidade de pensar e confiança no processo, mesmo sabendo que o texto ainda não está pronto.

Quando o Irmão se permite escrever assim, sem censura e sem medo, descobre que a escrita não nasce perfeita, mas nasce honesta, e é essa honestidade que sustenta todo o trabalho posterior.

Somente após o pensamento estar inteiro no papel é que vale a pena voltar, reler, cortar, ajustar, corrigir e organizar, porque aí o texto já tem alma, e tudo o que vem depois é cuidado, não substituição.



A ROTINA QUE SALVA O LIVRO

Entre o momento em que o texto começa a nascer em fluxo livre e o instante em que ele solicita forma e direção, existe um intervalo decisivo que muitos ignoram, e é justamente aí que inúmeros livros ficam pelo caminho, não por falta de ideia, de conhecimento ou de vocação, mas por ausência de cadência.

A escrita não costuma falhar por escassez de inspiração, ela falha quando não encontra um ritmo possível na vida real de quem escreve.

Por isso, antes de falar em mapa, estrutura e organização do conteúdo, sinto a necessidade de falar da rotina, não como rigidez, mas como sustentação.

Ao longo do tempo, aprendi que o livro não avança quando depende do humor, da disposição emocional ou de momentos raros de entusiasmo, porque esses estados são instáveis e não obedecem à vontade.

O que sustenta a escrita é a constância possível, aquela que cabe na agenda, no cansaço e nas responsabilidades do dia a dia.

Um modelo simples costuma funcionar melhor do que planos ambiciosos. Escrever quatro dias por semana, mesmo que pouco, e reservar um dia somente para releitura, ajustes e pequenos cortes já cria um movimento contínuo que impede o texto de esfriar e a mente de se afastar da obra.

Não se trata de quantidade de páginas, mas de presença. Há dias em que duas páginas avançam mais o livro do que vinte escritas com pressa, e há dias em que reler e ajustar um trecho antigo é o que permite que o próximo capítulo finalmente se abra.

A rotina permite manter o vínculo com o texto, porque quando esse vínculo se rompe, retomar exige um esforço desproporcional, quase como recomeçar do zero.

Também recomendo criar um pequeno ritual de entrada na escrita, algo simples e repetível, que sinalize à mente que aquele é o momento do trabalho.

Pode ser um café preparado sempre da mesma forma, uma música específica, alguns minutos de silêncio, um horário fixo ou até o gesto de abrir o arquivo e reler o último parágrafo escrito no dia anterior.

Não importa o elemento em si, mas a repetição, porque ela reduz a fricção para começar e evita que o Irmão negocie consigo mesmo a cada sessão.

Esse cuidado é especialmente importante para Irmãos que escrevem entre compromissos profissionais, familiares e maçônicos, pois esperar pelo momento ideal costuma ser uma armadilha elegante.

O momento ideal raramente chega, enquanto o momento possível, quando respeitado, constrói livros inteiros.

A escrita nasce mais da constância do que do humor, mais da disciplina gentil do que da inspiração intensa, e quando essa verdade é aceita, o livro deixa de ser um projeto distante e é uma construção cotidiana, discreta e firme.

Esse intervalo entre escrever e estruturar é, portanto, o lugar onde o livro aprende a respirar no tempo.

Sem rotina, o texto se dispersa. Com uma rotina possível, ele se acumula, ganha corpo e começa a solicitar, por si, a organização que seguirá.

É por isso que digo, sem exagero, que a rotina não é um detalhe operacional, mas o alicerce invisível que salva o livro quando o entusiasmo oscila e o silêncio parece mais alto do que a vontade de escrever.



TERCEIRO PASSO

Após escrever cerca de dez páginas de texto contínuo, algo começa a acontecer de forma quase silenciosa, porque o livro deixa de ser somente uma intenção e revela uma forma ainda imprecisa, mas já reconhecível, e é nesse ponto que considero ser o momento adequado para criar o mapa de construção da obra.

Até aqui, o texto nasceu em fluxo livre, sem grandes amarras estruturais, mas agora ele solicita direção, não para engessar o pensamento, e sim para permitir que ele avance com coerência e profundidade.

Esse mapa não é uma prisão, mas uma orientação, um desenho inicial daquilo que o livro pode ser, sabendo desde o início que ajustes serão necessários ao longo do caminho.

Para construir esse mapa, eu utilizo técnicas diferentes conforme a natureza do livro.

Quando escrevo sobre um determinado Grau, costumo utilizar o ritual como ponto de referência, não de forma mecânica, mas como um eixo simbólico e pedagógico, seguindo sua progressão e extraindo de cada gesto, palavra e silêncio o máximo de significado possível.

A partir disso, vou construindo os capítulos, organizando as interpretações e buscando uma sequência lógica que respeite o espírito do Grau, permitindo que o leitor percorra o mesmo caminho de aprofundamento que se espera em Sala de Loja.

Nesse tipo de obra, o ritual não limita, mas orienta, funcionando como uma espinha dorsal a partir da qual o pensamento se desenvolve.

Em livros cujo eixo principal é histórico, o critério muda, e o mapa passa a seguir uma linha de tempo coerente, na qual os eventos são listados, contextualizados e conectados uns aos outros.

Não se trata somente de narrar fatos em ordem cronológica, mas de compreender os movimentos entre eles, os períodos de transição, as rupturas e continuidades que dão sentido ao conjunto.

Os acontecimentos principais ganham destaque, mas aquilo que ocorre entre eles também é valorizado, porque muitas vezes é nesses intervalos que o sentido histórico se revela com mais clareza.

Já em livros que abordam temas variados ou mais complexos, nos quais não há um eixo ritual nem uma cronologia evidente, eu procuro me transportar para o lugar do leitor.

Imagino o que ele gostaria de encontrar, quais perguntas provavelmente surgirão ao longo da leitura e em que sequência essas respostas fariam mais sentido.

Esse exercício de empatia intelectual é fundamental, porque ajuda a evitar saltos abruptos e a criar um percurso de leitura que respeite o ritmo de quem está do outro lado da página.

Um exemplo claro disso foi o livro sobre os fundamentos do Rito, no qual utilizei a grade educacional do GOSC no Grau de Aprendiz como guia estrutural, mas sem me limitar a ela, procurando também recordar quais conhecimentos eu mesmo gostaria de ter recebido naquele momento inicial e em que ordem eles teriam sido mais úteis.

Quando o livro é destinado a não-maçons, esse deslocamento precisa ser ainda mais profundo, porque exige retornar mentalmente a um tempo anterior à Iniciação, resgatar dúvidas, receios e curiosidades que já não fazem mais parte do cotidiano do iniciado.

Nesses casos, conversas com amigos e amigas que não fazem parte da Ordem se tornam valiosas, ao ajudarem a lembrar quais temas despertam interesse, quais geram estranhamento e quais solicitam explicações mais cuidadosas.

A partir disso, os títulos começam a surgir, não como imposições, mas como respostas naturais às perguntas que o leitor provavelmente fará ao longo da leitura.

Assim, entre a décima página e, muitas vezes, a vigésima ou a trigésima, chega o momento de estruturar o livro de forma mais consciente, criando uma sequência simples de títulos ou ao menos de assuntos, já organizados em uma ordem de inserção.

É como erguer a estrutura de uma construção pré-moldada, na qual vigas e pilares já estão de pé, aguardando o preenchimento das paredes, ou como ter o projeto completo de uma casa, com todos os ambientes listados, esperando somente que os elementos físicos sejam colocados em seus lugares.

Naturalmente, ao longo do processo, algo pode faltar, um capítulo pode não dialogar bem com o seguinte, a ordem pode precisar ser alterada, um novo tema pode surgir ou outro pode precisar ser retirado, mas esses ajustes fazem parte do caminho e não representam falha, e sim maturação.

Teste do Leitor

Quando digo que é hora de desenhar o mapa da obra, eu não estou falando de criar uma estrutura bonita para satisfazer a mente organizadora, nem de montar um sumário definitivo cedo demais, como se o livro já estivesse pronto antes de existir.

Falo de construir um guia de trabalho, um esqueleto flexível que permita ao texto crescer com coerência, e para isso existe um exercício que considero simples, porém decisivo, que é submeter o seu sumário provisório ao teste do leitor, porque o livro não é escrito somente para quem escreve, ele precisa fazer sentido para quem o recebe.

Costumo olhar para os títulos provisórios e me fazer perguntas diretas, como se eu estivesse do outro lado, abrindo o livro pela primeira vez e tentando entender o que ele promete e como ele me conduz.

A primeira pergunta é sempre qual é a promessa deste livro, ou seja, o que exatamente estou entregando ao leitor quando ele investe tempo aqui, qual transformação, qual compreensão, qual caminho de ideias eu me comprometo a oferecer com honestidade.

Em seguida, eu pergunto o que o leitor precisa saber antes de chegar a este capítulo.

Muitos problemas de estrutura nascem quando o Irmão pressupõe conhecimentos que ainda não foram construídos no texto, e então a leitura fica truncada, como se o livro saltasse etapas.

Eu também me pergunto onde repito sem necessidade, porque a repetição pode ser didática quando é consciente, mas costuma virar ruído quando nasce da insegurança ou da falta de direção.

Outra pergunta importante é o que está fora de ordem, aquilo que até é bom, mas entrou cedo ou tarde demais, e que por isso quebra o ritmo do entendimento.

Pergunto ainda quais capítulos parecem responder a perguntas que ninguém fez, e quais perguntas inevitáveis do leitor ainda não foram respondidas, porque o sumário, quando é bem desenhado, já antecipa o movimento natural da curiosidade de quem lê.

Esse teste pode ser feito em poucos minutos, mas ele revela muito, porque obriga o Irmão a enxergar o livro como percurso, e não como amontoado de temas.

E se o Irmão quiser tornar o exercício ainda mais sólido, escolha um Irmão de confiança e mostre somente os títulos, sem explicar nada, perguntando o que ele entende que o livro vai entregar.

Pergunte também quais dúvidas surgem somente ao olhar o sumário, pois esse retorno costuma mostrar, com elegância, onde o mapa está claro e onde ele está confuso.

Um bom mapa, porém, precisa de uma virtude dupla, ele aceita ajustes, porque o livro cresce e revela necessidades novas, mas ele não aceita improviso eterno, porque improvisar sem parar é uma forma disfarçada de adiar a escrita.

Há um ponto no qual a estrutura deve ser suficientemente boa para que o Irmão avance, mesmo sabendo que refinamentos virão depois, porque o livro ganha corpo escrevendo, e não planejando indefinidamente.

Quando o Irmão fica preso no desenho do sumário por semanas e meses, ele cria a ilusão de trabalho, mas o texto não nasce, e sem texto não existe obra.

Por isso, trato esse teste como uma régua simples, capaz de alinhar a intenção do Irmão com a experiência do leitor, preservando flexibilidade sem perder direção.



QUARTO PASSO

Se eu disser que o quarto passo é escrever, o Irmão provavelmente vai achar que estou dizendo o óbvio, e ainda assim aprendi, com o tempo e com a prática, que o óbvio muitas vezes precisa ser dito e, mais do que isso, precisa ser compreendido de verdade, porque existe uma distância enorme entre saber o que deve ser feito e de fato fazer.

Por isso, após reunir material, após iniciar o texto e após desenhar um mapa de construção, chega a hora de assumir o único gesto que realmente move um livro adiante, que é escrever, com constância, com entrega e com a serenidade de quem entende que a primeira versão não é uma vitrine, mas um canteiro de obra onde tudo ainda está em formação.

Nesse momento, eu não me preocupo com parágrafos longos ou curtos, nem com a quantidade de páginas dedicadas a um tema específico, porque essa preocupação costuma nascer cedo demais e cria uma espécie de vigilância interna que interrompe o fluxo do pensamento.

Deixo a mente vagar livremente, permitindo que ela entregue tudo o que tem sobre o assunto, inclusive as repetições, as aproximações, as voltas, os exemplos, as lembranças e até os sonhos.

À primeira vista, esses pensamentos livres demais parecem excessivos e desnecessários, mas que carregam muitas vezes a chave de uma conexão mais profunda.

O texto precisa primeiro existir, e existir com abundância, porque a escassez na fase de criação é perigosa, enquanto o excesso pode ser lapidado depois com muito mais facilidade e precisão.

E sim, o Irmão vai reler o livro muitas vezes, porque escrever é um processo de retorno, e a releitura é o lugar onde a obra começa a se enxergar como obra, e não mais como impulso.

É na releitura que o Irmão percebe onde falta informação, onde sobra, onde um trecho ficou confuso e precisa de clareza, onde uma ideia solicita mais fundamento e onde outra precisa ser simplificada para não se tornar pesada.

É também aí que a pesquisa pode ser intensificada de forma cirúrgica, porque o texto já mostra suas lacunas, e o Irmão passa a saber exatamente o que deve buscar, em vez de pesquisar dispersamente.

Gradualmente, surgem espaços naturais para inserir uma citação, para trazer a voz de outro Irmão, para recorrer a um depoimento de um Irmão.

Isso pode acabar construindo um diálogo mais acadêmico, quase como em uma monografia, quando isso fizer sentido para o propósito do livro e para o público que o Irmão deseja alcançar.

Mas nada disso deve roubar o centro do momento atual, porque agora o mais importante é escrever, sem permitir que desvios de pensamento capturem suas ideias antes que elas cheguem ao papel.

A escrita precisa ser tratada como construção contínua, onde o Irmão ergue o livro tijolo por tijolo, mesmo sabendo que haverá mais tarde lapidação, melhoria de conteúdo, expansão de alguns capítulos, resumo de outros, reorganização de sequências e correções inevitáveis.

A diferença é que, quando esse quarto passo é cumprido com fidelidade, o Irmão já terá muitas e muitas páginas diante de si, e então o trabalho de refinamento deixa de ser um sonho distante e é uma tarefa concreta, porque a matéria existe, e onde existe matéria existe possibilidade de forma.

No fim, é esse acúmulo vivo de texto que torna todo o restante possível, pois sem ele nada se realiza, e com ele o livro já começou a existir de verdade no mundo.



REVISÃO HUMANA

Após escrever muito, reler outras tantas vezes e permitir que o texto ganhe corpo, chega um momento em que continuar sozinho deixa de ser virtude e é risco, porque todo Irmão, por mais atento que seja, desenvolve pontos cegos em relação à própria escrita.

Foi por isso que, no meu primeiro livro, optei por contratar corretores profissionais, e isso fez enorme diferença, mas aprendi também que nem todo Irmão terá condições ou desejo de seguir esse caminho, e ainda assim é possível realizar uma revisão humana séria, honesta e transformadora.

O leitor beta não é ninguém escolhido para elogiar nem para confirmar o que o Irmão já pensa, mas alguém convidado a olhar o texto de fora, com atenção e boa-fé.

O ideal é formar um grupo pequeno, dois ou três leitores no máximo, todos confiáveis, com maturidade suficiente para ler com cuidado e falar com sinceridade.

Mais do que isso costuma gerar ruído, opiniões contraditórias e insegurança desnecessária. Poucos leitores, bem escolhidos, ajudam muito mais do que muitos leitores dispersos.

É fundamental que cada leitor saiba exatamente o que o Irmão espera dele, porque solicitar uma opinião genérica costuma resultar em comentários vagos que pouco ajudam. Um leitor pode ser convidado a avaliar a clareza, observando se o texto se faz compreender sem esforço excessivo.

Outro pode olhar para a coerência, percebendo se as ideias se encadeiam bem, se não há contradições internas ou saltos lógicos. Um terceiro pode se concentrar no ritmo, sentindo se a leitura flui, se há trechos cansativos, repetições desnecessárias ou passagens que poderiam ser mais enxutas.

Essa divisão simples transforma a leitura em ferramenta concreta de aprimoramento.

Ao solicitar esse retorno, é importante preparar também o próprio espírito.

Críticas não são sentenças nem ataques pessoais, são informações.

Algumas serão valiosas, outras nem tanto, e algumas poderão até incomodar, mas o desconforto não é sinal de erro, é sinal de contato com algo que merece reflexão.

Ouvir não significa obedecer, acolher não significa se submeter. O texto continua sendo seu, a voz é sua, e a decisão final sempre será do Irmão.

O que diferencia o Irmão imaturo do Irmão que cresce é justamente essa capacidade de ouvir sem se dissolver.

O autor sábio recolhe o que faz sentido, descarta o que não dialoga com a intenção da obra e agradece o tempo de quem leu com cuidado, porque leitura atenta é um presente raro.

Muitas vezes, uma observação simples feita por um leitor beta revela um problema estrutural que o Irmão já sentia, mas ainda não conseguia nomear, e essa nomeação abre caminho para um ajuste preciso.

A revisão humana, quando bem conduzida, não dilui a identidade do livro, ao contrário, ela a fortalece, porque ajuda o texto a se tornar mais fiel ao que ele pretende ser.

Depois dessa etapa, o Irmão volta ao trabalho com mais clareza, fazendo ajustes conscientes, cortando excessos, fortalecendo argumentos e preparando o texto para a fase final de lapidação.

É nesse ponto que o livro deixa de ser somente um esforço individual e dialoga com o mundo, ainda que de forma controlada e cuidadosa, preservando a integridade da obra e a responsabilidade de quem a assina.



QUINTO PASSO

Cautela, coerência e amor podem soar, num primeiro olhar, como conceitos abstratos, quase deslocados de um manual prático de escrita, mas quando o Irmão decide escrever, especialmente sobre Maçonaria, eles deixam de ser virtudes genéricas e passam a se tornar fundamentos concretos do próprio ato de escrever.

Um livro, após publicado, não escolhe quem o abre, não seleciona quem o lê, nem controla o momento em que suas palavras encontram o olhar de alguém, e por isso é preciso ter sempre em mente que qualquer pessoa pode acessar aquele conteúdo, seja em uma estante silenciosa, em uma livraria movimentada ou em uma leitura solitária na tela.

Escrever sem essa consciência é caminhar às cegas, e a história já mostrou, mais de uma vez, como a falta de cautela transformou autores em figuras lembradas não pela profundidade de suas reflexões, mas pelo rótulo de inimigos da Maçonaria, não porque refletiram, mas porque expuseram aquilo que deveria permanecer como experiência viva.

A cautela, portanto, não nasce do medo, nem da ideia de que existam segredos perigosos ou verdades proibidas, mas de um respeito profundo pelo caminho iniciático do outro.

O não iniciado que lê não deve ser privado da experiência de descobrir por si aquilo que só ganha sentido pleno quando vivido em Sala de Loja.

Revelar demais é como contar o final de uma história antes que o leitor percorra seus capítulos, destruindo a tensão, o mistério e a construção simbólica que dão sentido à narrativa.

Da mesma forma que uma série perde sua essência quando seus segredos centrais são entregues fora de tempo, a Maçonaria perde parte de sua força transformadora quando seus símbolos são apresentados sem o percurso que os sustenta.

Escrever com cautela é aprender a sugerir sem revelar, iluminar sem expor, conduzir à reflexão sem substituir a vivência, permitindo que o leitor compreenda que existe algo além, mas respeitando o tempo e o lugar onde esse além deve ser encontrado.

Ainda assim, a cautela não pode se transformar em desculpa para a invenção irresponsável, e é aqui que a coerência se apresenta como um pilar indispensável. Não é aceitável criar acontecimentos que não existem, alterar sentidos rituais ou fantasiar explicações somente para evitar dizer algo com clareza.

O Irmão que lê reconhecerá rapidamente o que não corresponde à realidade ritual, porque ele vive ou viverá aquilo em Loja, e quando há ruptura entre o texto e a prática, a confiança na obra se perde.

A coerência exige fidelidade ao espírito do ritual, mesmo quando se escreve de forma simbólica ou interpretativa, pois interpretação não é distorção, e reflexão não é invenção.

Um bom livro maçônico mantém uma harmonia silenciosa entre o que é dito e o que é vivido, permitindo que o leitor reconheça no texto um reflexo legítimo da experiência, ainda que apresentado em outra linguagem.

O terceiro elemento, o amor, é talvez o mais sutil e o mais determinante, porque ele não pode ser fingido e sempre transparece nas entrelinhas.

Não escreva com frieza, como quem descreve algo distante ou burocrático, nem com mágoa, ressentimento ou desilusão pessoal, pois esses estados acabam se infiltrando no texto e contaminando a leitura.

Escrever com amor não significa romantizar nem idealizar, mas escrever com respeito, com gratidão pelo caminho percorrido e com desejo sincero de contribuir.

É permitir que o fogo interior esteja presente, não como explosão descontrolada, mas como calor constante que dá vida às palavras.

Quando o texto nasce desse lugar, ele acolhe o leitor, mesmo quando o provoca, e transmite algo que vai além da informação, transmitindo presença, compromisso e verdade interior.

Para o Irmão que deseja escrever, compreender esse quinto passo é entender que o livro não é somente um repositório de conhecimento, mas um gesto de responsabilidade.

Cada palavra deve ser escrita com a consciência de que ela pode orientar, confundir, inspirar ou afastar, e por isso cautela protege a experiência iniciática, coerência preserva a integridade da Ordem e amor garante que a obra não seja um texto seco, mas algo vivo.

Quando esses três elementos caminham juntos, o livro se torna como um alimento bem preparado, que não somente sacia a curiosidade, mas nutre o espírito, permanecendo na memória de quem lê como algo que fez bem, como o mel mais puro que toca os lábios com suavidade e deixa, depois, o desejo de continuar saboreando o caminho.

SEXTO PASSO

Chega então o tempo de compreender o tempo, não como inimigo da escrita, mas como seu aliado mais silencioso e mais exigente, porque um livro não nasce para a pressa nem para a ansiedade, mas para a permanência.

Não há urgência real em concluir uma obra que pode levar meses ou mesmo um ano inteiro para ser escrita, revisada e amadurecida, e isso não representa atraso, mas cuidado.

É preciso lembrar que, uma vez publicado, o seu nome estará ligado àquele livro duradouramente, quase como uma assinatura deixada no mundo, e por isso cada página solicita responsabilidade, atenção e respeito.

Um texto apressado pode satisfazer o desejo imediato de concluir, mas sustenta dificilmente o peso do tempo, enquanto uma obra amadurecida lentamente tende a permanecer com dignidade.

Nesse sexto passo, a escrita entra em uma fase de vigilância serena, na qual o texto deve ser lido e relido muitas vezes, em momentos diferentes, com estados de espírito distintos, porque cada leitura revela algo novo.

Uma frase que parecia clara pode se mostrar confusa, um parágrafo antes brilhante pode soar excessivo, e uma ideia aparentemente secundária pode revelar que merece mais espaço.

A revisão não é um ato mecânico, mas um diálogo contínuo com a obra, no qual o Irmão aprende a escutar o próprio texto e a aceitar que sempre há algo a melhorar.

Não se trata de buscar uma perfeição inalcançável, mas de alcançar o melhor que aquele livro pode ser nos limites do que se propôs a fazer.

Cada etapa precisa ser respeitada em seu tempo próprio, porque pular fases quase sempre cobra seu preço depois. Ajustes de conteúdo, correções de linguagem, reorganização de capítulos e refinamento do estilo devem acontecer antes de qualquer preocupação estética mais visível.

As duas etapas finais do processo pertencem claramente ao encerramento da escrita, a inserção de figuras, a penúltima fase, e a construção do índice, sendo sempre a última.

Essas duas etapas nunca devem ser feitas antes da hora, por mais sedutora que seja a tentação de antecipá-las.

Inserir imagens cedo demais é arriscar precisar refazer tudo quando o texto muda, e construir o índice antes de o livro estar realmente fechado é criar uma estrutura que inevitavelmente será quebrada.

Todo o resto precisa estar sólido antes, como uma construção que só recebe acabamento quando sua estrutura já está completa.

É nesse ponto que a revisão se torna quase um exercício de humildade, porque o Irmão percebe que o texto nunca se oferece totalmente pronto de uma só vez.

Sempre haverá pequenos deslizes, detalhes quase invisíveis, erros discretos que escapam ao olhar cansado, e é aqui que ganha sentido a observação bem-humorada e profundamente verdadeira do Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro, quando diz que os Sacis se escondem na hora da revisão dos livros e, na hora da impressão, saltam aos olhos para rir da nossa cara.

Essa imagem resume com precisão a necessidade de reler com atenção, de revisar com paciência e de não confiar excessivamente na primeira ou na segunda leitura, porque o descuido, por menor que seja, tende a se revelar justamente quando já não há mais como voltar.

Por isso, o sexto passo ensina que escrever um livro é também aprender a esperar, a respeitar o ritmo da obra e a aceitar que o tempo investido em revisão nunca é tempo perdido.

Cada correção, cada ajuste e cada releitura aprofundam o texto e protegem o Irmão de arrependimentos futuros.

Quando esse passo é vivido com consciência, o livro se aproxima de sua forma definitiva não por esgotamento, mas por maturidade, e então, somente então, ele pode seguir adiante, sabendo que foi construído com cuidado, com paciência e com o respeito que toda obra verdadeira merece antes de encontrar seu lugar no mundo.

Checklist

Quando o texto já atravessou o tempo necessário, foi escrito, relido, ajustado e amadurecido, chega um momento em que é preciso mudar o tipo de olhar, deixando de lado a leitura criativa e assumindo uma postura mais vigilante, quase artesanal, porque o livro se aproxima do ponto em que precisa ser fechado.

Esse fechamento não acontece de uma vez, nem por intuição, mas por uma sequência de verificações simples e conscientes, que evitam arrependimentos posteriores e preparam a obra para os registros formais que virão depois.

Costumo percorrer o texto com algumas perguntas e confirmações essenciais, observando se os nomes estão escritos sempre da mesma forma, se as datas não se contradizem ao longo dos capítulos, se as citações mantêm fidelidade às fontes e se os termos fundamentais do livro são utilizados com uniformidade, sem variações desnecessárias que confundem o leitor.

Esse cuidado parece pequeno, mas ele sustenta a credibilidade do texto e transmite uma sensação de segurança silenciosa a quem lê.

Em seguida, faço uma revisão atenta de ortografia e pontuação, não como quem caça erros isolados, mas como quem busca fluidez.

É um exercício em que se acaba percebendo onde a frase respira bem, onde precisa de pausa e onde o excesso de sinais quebra o ritmo.

Os títulos e subtítulos também merecem uma conferência específica, tanto pela coerência entre si quanto pela clareza do que anunciam, porque eles orientam a leitura e criam expectativa, e uma expectativa mal conduzida enfraquece a experiência do livro.

As notas, quando existem, precisam ser conferidas uma a uma, tanto em relação ao conteúdo quanto à numeração e ao ponto exato em que aparecem, pois uma nota fora de lugar distrai e quebra a continuidade do pensamento.

Nesse mesmo percurso, vale observar se há trechos repetidos sem intenção, referências mencionadas mas não utilizadas, ou conceitos introduzidos e depois abandonados, porque esses detalhes revelam onde o texto ainda solicita um pequeno ajuste antes do fechamento.

Por fim, realizo um teste que considero decisivo: ler em voz baixa alguns trechos escolhidos ao acaso.

A leitura em voz alta revela problemas que o olho acostumado já não percebe, frases longas demais, repetições sonoras, construções truncadas e passagens que solicitam simplificação.

O ouvido é um excelente aliado na revisão final, porque ele denuncia o que não flui naturalmente.

Quando esse checklist é percorrido com calma e atenção, o Irmão começa a sentir que o texto já não solicita grandes mudanças, somente pequenos refinamentos, e esse sentimento é um bom sinal de que a obra está pronta para ser fixada.

É exatamente aqui que faz sentido avançar para o registro do ISBN e para a solicitação da Ficha Catalográfica, nunca antes, porque esses atos não acompanham o processo criativo, eles o encerram.

Livro pronto, registro depois, essa é uma regra simples, mas essencial, que protege o Irmão de retrabalho, incoerência e da tentação de acelerar aquilo que solicita maturidade.

Preâmbulo

É a primeira parte de um tratado ou de um discurso, geralmente dedicada a expor o propósito da obra e a estabelecer o contexto e o âmbito de aplicação da mesma.

Índice

Índice	13
Capítulo 1	19
Capítulo 2	20
Capítulo 3	23
Capítulo 4	24

Introdução

É a primeira parte de um tratado ou de um discurso, geralmente dedicada a expor o propósito da obra e a estabelecer o contexto e o âmbito de aplicação da mesma.

Capítulo 1	15
Capítulo 2	10
Capítulo 3	24

Glossário

Abreviaturas

Abreviaturas e siglas utilizadas no texto.

Abreviaturas

Abreviaturas e siglas utilizadas no texto.

Abreviaturas e siglas utilizadas no texto.

Bibliografia

Lista de obras consultadas durante a elaboração da obra.

Sobre o Autor



É a biografia do autor, geralmente apresentada no final da obra.

SÉTIMO PASSO

Quando a escrita já amadureceu e o texto começa a adquirir uma estabilidade real, chega o momento de pensar na estrutura do livro, não como enfeite, mas como um gesto de ordem, pois a forma também educa o leitor, conduz o olhar, cria expectativa e dá ao conteúdo um corpo digno.

Vou descrever aqui a estrutura que costumo utilizar nos meus livros, sabendo que cada autor pode ajustar conforme sua necessidade, mas entendendo haver uma lógica prática por trás de cada escolha, e que essa lógica, quando bem aplicada, evita retrabalho, preserva a consistência do documento e impede que detalhes técnicos atrapalhem o que realmente importa, sendo a leitura.

Gosto de começar com o título na primeira página, com meu nome logo abaixo, em uma apresentação simples e limpa, como quem abre uma porta e anuncia com clareza o que o leitor está prestes a encontrar.

Na segunda página, coloco a ficha catalográfica e o ISBN, e mais adiante explico como fazer isso, porque é um assunto técnico, mas necessário para quem deseja publicar com seriedade.

Em seguida, na próxima página, eu repito o título e meu nome, e faço isso por um motivo muito prático, pois às vezes uma dessas páginas é utilizada para anotações internas, ou acaba sendo coberta quando o Irmão envia o livro online com a capa, e esse pequeno artifício impede que a diagramação do restante seja afetada, especialmente quando o índice já estiver pronto e qualquer deslocamento de páginas passe a ser um problema.

Desde o início, eu recomendo numerar as páginas, mantendo páginas ímpares à direita e páginas pares à esquerda, sempre com a numeração embaixo, porque esse cuidado, apesar de simples, ajuda a manter a obra organizada e facilita o trabalho na fase final.

Depois dessas páginas iniciais, eu insiro o prefácio, e aqui vale uma recomendação que considero muito valiosa: convide alguém com quem o Irmão tenha afinidade intelectual e moral, pode ser um Irmão que conheça bem o assunto, um escritor experiente ou um especialista respeitado, porque um bom prefácio funciona como uma espécie de testemunho externo, não para validar a obra artificialmente, mas para oferecer ao leitor uma entrada mais ampla, uma contextualização e um olhar que não é o seu.

O prefácio, quando bem escolhido, confere densidade ao livro e cria uma ponte entre o Irmão e o leitor, oferecendo confiança sem precisar de exagero.

Em seguida vem o índice, mas aqui há um detalhe importante, eu deixo o espaço reservado, mesmo que ele ainda esteja em branco no início do processo, porque isso ajuda a manter o esqueleto do livro organizado.

O índice deve ser feito somente quando a obra estiver realmente fechada, e isso o Irmão já aprendeu no passo anterior, mas reservar esse lugar desde cedo é um modo de lembrar a si que a estrutura existe, ainda que o acabamento venha depois.

Logo após esse espaço, eu começo o texto propriamente dito, e às vezes utilizo uma introdução, quando percebo que o leitor precisa de uma preparação mais direta, e em outras ocasiões prefiro abrir com um primeiro capítulo mais livre, que funcione como um tom inicial, uma chave de leitura, uma espécie de alinhamento do espírito da obra, pois nem todo livro solicita a formalidade de uma introdução tradicional, e esse é um ponto onde o Irmão precisa sentir o que o próprio livro solicita.

A partir daí, a obra segue seu curso, capítulo após capítulo, parágrafo após parágrafo, até o final, e é no encerramento que gosto de incluir alguns elementos que fortalecem muito a utilidade do livro.

Um glossário de termos é quase sempre interessante em livros de Maçonaria, porque ajuda o leitor a não se perder em expressões específicas e cria um recurso de consulta rápida.

Depois do glossário, eu coloco a bibliografia, e aqui recomendo seguir o padrão ABNT, organizando os autores em ordem alfabética pelo sobrenome.

Não é necessário contratar um profissional nem se tornar especialista nisso, porque o Irmão pode colocar as referências reunidas da forma que conseguir, ainda que estejam desorganizadas, e depois solicitar ao ChatGPT para ordenar e formatar em ABNT, sabendo que será preciso revisar, porque ele ajuda muito, mas não é infalível, e a responsabilidade final é sempre do Irmão.

A bibliografia bem feita transmite seriedade e dá ao leitor um caminho para aprofundar, e isso, em temas iniciáticos, tem um valor especial.

Depois da bibliografia, eu gosto de incluir uma breve descrição do Irmão, uma foto e o currículo maçônico, porque isso cria um contexto humano, aproxima o leitor e situa de onde aquela voz fala.

Feito isso, a estrutura básica do livro está completa, e então entra uma etapa futura, em que o Irmão vai cuidar da capa e das imagens, e aqui as ferramentas de IA realmente podem ser muito úteis, como o ChatGPT e o Gemini, que em muitos casos ajudam impressionantemente.

Mesmo com as ferramentas certas, é comum gerar a mesma imagem várias vezes até encontrar o resultado certo, e às vezes o resultado não vem, e então vale recorrer a bancos de imagens, a pesquisas no Google, ou, se o Irmão tiver habilidade, criar algo em um programa de imagem.

O importante é perceber que capa e imagens são acabamento, e acabamento só faz sentido quando a estrutura já está pronta, porque a beleza exterior precisa servir à obra, e não conduzir a obra prematuramente.

No fim, esse sétimo passo é sobre dar ao livro uma forma estável e reconhecível, uma sequência que respeite o leitor e proteja o trabalho do Irmão, para que a obra não pareça um amontoado de páginas, mas uma construção coerente, com começo, meio e fim, e com a dignidade de quem foi feita para permanecer.

OBRIGATÓRIOS

Ficha Catalográfica

Dellazzana, Flavio

Como escrever um livro? / Flavio Dellazzana

— São Paulo: Editora da Luz, 2023, 160 p.: 21 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-12345-67-8

1. Estrutura criativa.

2. Produção de livros. 3. Manual de autoajuda. 4. Publicação de livros. I. Título.

CDU: 808.02

CDD: 808.3

ISBN



9 78-65-12345-67-8

Bibliografia

PERRIN, Michel. Le symbolisme chez les
Warao. *Anthropos*, v.70, n.1/3, p. 1-221, 1975.

OPCIONAIS

Foto + Apresentação



Flavio Dellazzana é fraternalista, cofundador, editor e jornalista da revista eletrônica "Templo de Luz" e Grande Orador do Grande Oriente de São Paulo. — Dedicou-se há mais de 20 anos ao ensino e prática da Maçonaria, tendo contribuído com decenas de artigos sobre Filosofia Ocultista e Educação Maçônica.

Currículo Maçônico

- Mestre Instalado pelo GOSP Oriente de São Paulo.
- Grande Orador do GOSP
- Grande Inspetor Geral (33^{ma})
- Secretário Adjunto de Ritualística do Supremo Conselho do Brasil.

Glossário

- **Abóbada Celeste:** Simbolismo tradicional presente em loges maçônicas, representando o teto do templo em forma de um firmamento estrelado.
- **A:R:L:S:** Abreviação usada para designar uma Loja Maçônica do Rito Escocês Anual e Aceito.

Obrigatórios e Opcionais

Ao pensar na estrutura final do livro, é importante distinguir aquilo que é essencial do que é complementar, não por hierarquia de valor, mas por função.

Um livro bem construído não é aquele que acumula elementos, e sim aquele que apresenta somente o necessário, cumprindo um propósito claro, respeitando o leitor e oferecendo uma experiência de leitura organizada, confiável e coerente.

Essa distinção ajuda o Irmão a não se perder em excessos nem a negligenciar fundamentos que sustentam a credibilidade da obra. Existem elementos que considero obrigatórios quando o objetivo é publicar com seriedade.

A ficha catalográfica e o ISBN não são detalhes burocráticos, mas registros que situam o livro no mundo editorial, permitindo que ele seja identificado, catalogado e encontrado em bibliotecas e livrarias.

A bibliografia cumpre papel semelhante, ao revelar as fontes que sustentam o texto, oferece transparência intelectual e permite que o leitor aprofunde o estudo a partir dos mesmos caminhos percorridos pelo Irmão.

Esses elementos não servem para impressionar, mas para ancorar a obra em um terreno sólido, no qual informação, interpretação e responsabilidade caminham juntas.

Outros elementos são opcionais e devem ser incluídos conforme a natureza do livro e a intenção do Irmão.

Foto e breve apresentação pessoal ajudam a criar proximidade e situam a voz que escreve, mas não são indispensáveis em todas as obras.

Um currículo maçônico, quando bem dosado, pode contextualizar a experiência do Irmão sem se tornar exibição, se for apresentado como referência e não como validação de autoridade.

Esses recursos existem para servir ao leitor, e não para inflar a obra.

O glossário ocupa um lugar especial entre os elementos opcionais, porque em certos tipos de livro ele se aproxima do indispensável.

Em obras que tratam de Maçonaria, história iniciática, rituais, símbolos ou terminologia específica, o glossário se torna quase um gesto de cuidado com quem lê.

Ele permite que o leitor compreenda termos técnicos sem interromper o fluxo da leitura e evita explicações longas no corpo do texto que poderiam torná-lo pesado ou repetitivo.

Quando bem construído, o glossário não empobrece o conteúdo, ao contrário, ele amplia a utilidade do livro e convida à consulta contínua, especialmente para leitores em formação ou para aqueles que retornam ao texto como referência.

Saber escolher o que incluir é parte do amadurecimento do Irmão. Nem tudo o que pode estar em um livro precisa estar, e nem tudo o que parece secundário deve ser descartado sem reflexão.

Quando os elementos obrigatórios estão presentes e os opcionais são escolhidos com critério, a obra se apresenta equilibradamente, transmitindo seriedade sem rigidez e acolhimento sem excesso, permitindo que o conteúdo permaneça no centro e a estrutura trabalhe em silêncio a favor da leitura.



PROVA FINAL

Quando o texto já está fechado, revisado e amadurecido, existe um último gesto de cuidado que considero indispensável antes de qualquer registro formal e antes de qualquer envio para impressão, que é produzir a prova final e olhar para o livro como objeto, não mais como arquivo de trabalho.

Nesse ponto, eu gero um PDF definitivo do miolo e faço uma conferência tranquila, porém rigorosa, observando páginas críticas, o sumário e sua correspondência real com os títulos e páginas, os cabeçalhos, a numeração, a presença e a ordem correta dos elementos pré-textuais, como capa interna, páginas iniciais e espaços reservados, além da aparência geral do texto, verificando se há quebras estranhas, títulos isolados no fim da página, parágrafos deformados ou algo que denuncie uma instabilidade que o olho cansado não percebeu enquanto eu ainda estava escrevendo.

Se possível, eu também imprimo duas ou três páginas escolhidas, não para simular o livro inteiro, mas para sentir o comportamento da fonte no papel, a respiração das margens, o conforto da leitura e a consistência visual do conjunto, porque o papel revela detalhes que a tela suaviza e, às vezes, esconde.



REGISTRO AUTORAL

Adquirir



ISBN

Adquirir

isbn

ÚNICO

R\$ 27,40

Adquirir

- prazo de entrega -
- 2 dias úteis -

FICLIA CATALOGRÁFICA

Brasileira do ISBN

lo marco, a Câmara Brasileira do Livro (CBL) a Agência Brasileira do ISBN (International Standard Book Number). A organização foi escolhida pela Agência do ISBN e já abriu a abertura de emissão ao público, em fevereiro. A mudança de comando para os usuários, que agora contam com um sistema mais moderno e com prazos reduzidos.

R\$ 55,80

Adquirir

Solicitação de ISBN

Dados da Obra Autoria Características Classificação Código de Barras Catalogação

Titular do ISBN ⓘ

Rafael Dellazzana (CPF: 819.136.499.13)

Título da Obra ⓘ

Os fundamentos do filio de York

Subtítulo da Obra (opcional) ⓘ

Um guia público para conhecer a Magonomia

Tipo de Obra ⓘ

Individual

Idiomas da Publicação ⓘ

Português (Brasil) X

Solicitação de ISBN

Dados da Obra Autoria Características Classificação Código de Barras Catalogação Arquivos

Autoria ⓘ

Nome ⓘ

Rafael Dellazzana

Profissional ⓘ

Autor

País ⓘ

Brasil

Adicionar

Dados da Obra Autoria Características Classificação Código de Barras Catalogação Arquivos

☐ Tradução (opcional)

Veiculação ⓘ

Físico

Formatos da obra ⓘ

Papel

Subformatos da obra ⓘ

FICHA CATALOGRÁFICA E ISBN

Agência Brasileira do ISBN · Portal de Serviços CBL

<https://www.cblservicos.org.br/isbn/>

Antes de entrar no procedimento prático de solicitação, é importante compreender o que são, de fato, o ISBN e a Ficha Catalográfica, porque esses registros não pertencem ao campo da escrita criativa, mas ao momento em que a obra passa a existir formalmente no mundo editorial.

O ISBN funciona como o registro de identidade do livro, um código internacional que permite que ele seja identificado, localizado, comercializado e catalogado em livrarias, bibliotecas e plataformas digitais.

A Ficha Catalográfica, por sua vez, organiza tecnicamente os dados bibliográficos da obra, permitindo que ela seja corretamente classificada em sistemas de informação e acervos públicos e privados.

Um ponto que costuma gerar confusão entre autores iniciantes é a diferença entre o ISBN do livro impresso e o ISBN do livro digital.

Cada formato de uma obra exige um ISBN próprio, porque, para o mercado editorial, um livro físico e um livro em PDF ou eBook não são o mesmo produto, mesmo quando o conteúdo é idêntico.

O ISBN identifica a forma como o livro chega ao leitor, e por isso um mesmo título pode, e deve, possuir números distintos para a versão impressa e para a versão digital, sempre que ambas forem publicadas.

Feita essa distinção, todo o restante do processo ganha clareza, porque o Irmão passa a compreender que o ISBN não acompanha a ideia do livro, mas a sua forma final, tal como ela será distribuída e apresentada ao mundo.

No Brasil, o registro do ISBN e a solicitação da Ficha Catalográfica são realizados por meio da Plataforma de Serviços da Câmara Brasileira do Livro, a CBL, que desde 2020 é a Agência Brasileira do ISBN responsável pela emissão desse código que funciona, na prática, como o “RG” do livro no mercado editorial mundial. O processo é simples, totalmente digital e acessível ao autor independente.

O primeiro passo é criar um cadastro pessoal no portal da CBL, pois sem esse registro inicial não é possível solicitar nenhum dos serviços.

Ao acessar o portal, o Irmão deve clicar na opção de cadastro e preencher seus dados com atenção, utilizando um e-mail ativo, que será utilizado para todas as comunicações, solicitações e acompanhamentos posteriores.

Esse cadastro permite que o Irmão acesse o sistema sempre com o mesmo e-mail e senha e possibilita a solicitação tanto do ISBN quanto da Ficha Catalográfica e de outros serviços editoriais.

Nesse momento, o Irmão pode se cadastrar como pessoa física, atendendo perfeitamente autores independentes, ou como pessoa jurídica, caso esteja publicando sob um selo editorial próprio.

Após concluído o cadastro e confirmada a inscrição por e-mail, o acesso ao Portal de Serviços é liberado para iniciar as solicitações.

Com o acesso autorizado, no menu lateral do portal há a opção “Solicitar ISBN”.

Ao abrir essa opção, o Irmão deverá preencher um formulário com os metadados da obra, como título, subtítulo, autoria, tipo de publicação, idioma, formato físico ou digital, número da edição e outras informações relevantes.

Cada campo precisa ser preenchido com atenção, pois esses dados serão utilizados internacionalmente para identificar e registrar oficialmente a publicação.

Após o preenchimento, segue-se o pagamento da taxa de emissão e, em poucos dias úteis, o número de ISBN é disponibilizado, sendo único para cada obra, edição e formato.

Logo após solicitar o ISBN, ou caso o Irmão já o possua, é possível solicitar a Ficha Catalográfica no mesmo portal.

Esse documento é obrigatório para livros publicados no Brasil e é elaborado por bibliotecários registrados, a partir das informações fornecidas e do conteúdo da obra.

A ficha contém a descrição bibliográfica normalizada e permite que o livro seja corretamente organizado em bibliotecas e sistemas de informação.

Normalmente, esse processo é concluído em poucos dias úteis após a confirmação do pagamento e do envio dos dados solicitados, e o documento pode então ser inserido no livro impresso ou no arquivo final do livro digital antes da publicação.

Todo esse procedimento é realizado de forma totalmente online, sem necessidade de deslocamento físico, e a

plataforma da CBL permite que o Irmão acompanhe a situação das solicitações, faça eventuais ajustes e contrate serviços adicionais relacionados à publicação, como o código de barras do livro, importante para distribuição em livrarias físicas e virtuais.

No meu caso, costumo contratar separadamente o ISBN e a Ficha Catalográfica, porque o código de barras o próprio site de impressão que utilizo, o Clube de Autores, gera automaticamente para a contracapa, o que simplifica essa etapa sem prejuízo técnico.

Além disso, envio sempre a obra completa para a elaboração da Ficha Catalográfica, pois esse cuidado permite que o registro reflita com maior precisão a estrutura, os temas e a intenção do livro, resultando em um trabalho mais consistente e fiel ao conteúdo real da obra.

Somente após compreender todo esse processo é que faz sentido aplicar a regra que considero fundamental.

Se o Irmão ainda está mudando capítulos, ajustando a ordem dos textos, acrescentando ou retirando seções, este ainda não é o momento de solicitar ISBN nem Ficha Catalográfica.

Antecipar esse registro quase sempre resulta em retrabalho, inconsistências e frustração desnecessária,

enquanto respeitar o tempo da obra protege o Irmão e preserva a coerência do projeto.

O ISBN e a Ficha Catalográfica não acompanham o processo criativo, eles o encerram.

Livro pronto, registro depois.

Essa disciplina simples evita erros técnicos e reafirma uma postura madura diante da publicação, na qual cada etapa acontece no seu tempo próprio, sem ansiedade e sem atalhos.

IMPRESSÃO DO LIVRO

Há três caminhos principais para transformar um arquivo em livro impresso, e entender essas possibilidades com clareza logo no início poupa o Irmão de expectativas irreais e de escolhas feitas no impulso, porque imprimir e publicar não são somente etapas técnicas, são decisões que definem custo, controle, alcance, ritmo e até a paz com que a obra seguirá existindo no mundo.

Quando falo dessas três formas de impressão e publicação, eu falo a partir da experiência direta, sem idealizações e sem deslumbramento, pois escrever é um chamado, mas publicar é um ato concreto que exige método, responsabilidade e escolhas que repercutem no destino da obra e na tranquilidade do Irmão ao longo do caminho, e por isso vale olhar para cada opção com serenidade, como quem escolhe não somente um serviço, mas um modo de sustentar o próprio trabalho no tempo.

Não existe um modelo superior em essência, existe aquele que melhor dialoga com o momento, a disposição e o grau de autonomia que cada Irmão deseja assumir.

A primeira forma é o caminho da editora tradicional, no qual o Irmão envia seu livro para avaliação e aguarda que ele seja acolhido por uma casa editorial, como ocorre, por exemplo, com *A Trolha*, entre tantas outras existentes.

Nesse modelo, se a obra desperta interesse, a editora assume praticamente todo o processo, cuidando da revisão, da preparação, da diagramação, da capa, da impressão, da publicação e, em certa medida, da divulgação, e o Irmão passa a receber uma porcentagem sobre as vendas, sem precisar investir financeiramente.

Esse caminho pode ser confortável e legítimo, sobretudo para quem deseja concentrar suas energias somente na escrita, mas ele também exige paciência, capacidade de aceitar critérios editoriais externos e consciência de que o controle sobre preço, prazos, tiragem e distribuição não estará nas mãos do Irmão, pois a obra passa a integrar um catálogo maior, submetido às prioridades e estratégias da editora.

A segunda forma é a impressão por meio de uma gráfica contratada, opção que oferece ampla liberdade, mas exige um nível elevado de organização e investimento.

Aqui, o Irmão assume integralmente os custos da impressão e precisa cuidar de todas as etapas que antecedem o papel impresso, contratando diagramador, revisores de texto, profissional para a criação da capa, além de providenciar ISBN e Ficha Catalográfica.

Esse modelo pode ser interessante para quem deseja controlar cada detalhe do livro físico e trabalhar com tiragens específicas, mas é preciso ter clareza de que ele demanda recursos financeiros, gestão de fornecedores e, muitas vezes, a responsabilidade de armazenar e distribuir os exemplares, transformando o Irmão em editor, produtor e, não raramente, em seu próprio distribuidor.

A terceira forma, que adotei e mantenho até hoje em todos os meus livros, é a publicação pelo Clube de Autores, e aqui falo com convicção amadurecida pelo tempo.

Trata-se de uma plataforma de autopublicação que trabalha com impressão sob demanda, o que significa que o livro só é impresso quando alguém o compra, eliminando a necessidade de estoque, investimento em tiragem e armazenamento doméstico.

No meu primeiro livro, optei por contratar profissionais para todas as etapas: diagramadora, dois corretores de texto distintos, capa, ISBN e ficha catalográfica.

Esse cuidado inicial representou um investimento próximo de oito mil reais, que considero parte do aprendizado e da construção de um padrão.

Com o passar dos livros, aprendi a executar todo o processo sozinho, adquirindo ferramentas profissionais de revisão, como o LanguageTool em versão avançada, e utilizando o ChatGPT Pro como apoio crítico e textual.

Essa autonomia me permite algo que considero essencial: disponibilizar meus livros gratuitamente em PDF, sem custo algum para o leitor.

Com isso, posso oferecer a versão impressa somente para quem desejar, sabendo que ela será produzida sob demanda pelo Clube de Autores (<https://clubedeautores.com.br>)

O cadastro na plataforma é simples, o Irmão cria sua conta, insere os dados do livro, faz o upload dos arquivos e define preço e margens, sendo necessário ter o número do ISBN no momento do cadastro, e a Ficha Catalográfica torna-se importante caso se deseje ampliar a distribuição para livrarias parceiras, como a Amazon.

Esse modelo oferece liberdade real, transparência, alcance nacional e internacional, e sobretudo a possibilidade de o Irmão permanecer fiel ao próprio ritmo, à própria ética e conforme a maturidade de quem a escreveu.

CLUBE DE AUTORES

Ao falar do Clube de Autores, faço isso não como entusiasta ingênuo nem como promotor de plataforma, mas como alguém que escolheu esse caminho conscientemente e o percorreu em mais de um livro, aprendendo na prática suas exigências, limites e virtudes.

Trata-se de um modelo que devolve ao Irmão a responsabilidade integral pela obra, e isso não é pouco, porque liberdade editorial sempre vem acompanhada da necessidade de discernimento, método e maturidade.

Quando bem compreendido, porém, esse caminho oferece algo raro, continuidade sem peso e publicação sem aprisionamento.

O Preparo do Miolo

O miolo do livro é o coração da publicação, e no Clube de Autores ele precisa chegar pronto, revisado e diagramado, porque não haverá um editor externo corrigindo distrações ou ajustando escolhas estruturais.

Isso exige atenção redobrada às margens, à paginação, à consistência de títulos, à numeração correta das páginas pares e ímpares e à legibilidade do texto.

O Irmão precisa entender que o arquivo enviado é exatamente o arquivo que será impresso quando alguém comprar o livro.

Esse cuidado não deve ser vivido como tensão, mas como conclusão natural de todo o trabalho anterior.

Quando o texto passou pelo tempo necessário, pelo checklist de fechamento e pelas revisões humanas, preparar o miolo torna-se um gesto tranquilo, quase administrativo. É o momento em que a obra deixa de ser processo e se apresenta como forma estável, pronta para existir no papel sem improvisos.

Capa e Contracapa

A capa é o primeiro contato do leitor com o livro, e no modelo de autopublicação ela precisa ser pensada com sobriedade.

Não se trata de seduzir pelo excesso, mas de comunicar com clareza.

Uma boa capa diz o suficiente sem prometer o que o conteúdo não entrega, e a contracapa deve acolher o leitor com um texto honesto, explicando o espírito da obra sem exageros.

No Clube de Autores, o próprio sistema orienta dimensões e sangrias, mas o Irmão continua responsável pela escolha estética e conceitual.

Ferramentas de IA podem ajudar muito na criação de imagens, assim como bancos de imagens ou softwares gráficos tradicionais, e cada Irmão encontrará o caminho que melhor dialoga com sua habilidade e seu orçamento.

O ponto central é lembrar que capa é acabamento, não fundação, e só deve ser finalizada quando o livro já está realmente pronto.

Preço e Margem

Definir o preço do livro é um exercício de equilíbrio.

O Clube de Autores calcula automaticamente o custo de impressão, e a partir daí o Irmão define sua margem.

Esse momento solicita serenidade, porque preço não deve ser guiado por vaidade nem por ansiedade de retorno financeiro imediato.

Um livro excessivamente caro afasta leitores, enquanto um preço consciente amplia alcance e permite que a obra circule.

Eu sempre recomendo pensar o preço como parte da estratégia do livro, não como recompensa pessoal.

Em muitos casos, especialmente em obras iniciáticas ou formativas, o valor simbólico de alcançar mais leitores é maior do que qualquer ganho financeiro.

O autor precisa decidir se o livro é uma fonte de renda, um instrumento de difusão de ideias ou uma combinação ponderada dos dois, e essa decisão orienta naturalmente a escolha da margem.

Distribuição e Estratégia

É aqui que o modelo do Clube de Autores revela toda a sua força.

A impressão sob demanda elimina a necessidade de estoque, de investimento inicial em tiragem e de convivência com caixas ocupando espaço físico e mental.

O livro só é impresso quando alguém o compra, e isso muda completamente a relação do Irmão com a publicação, porque a obra passa a existir em fluxo, não em acúmulo.

No meu caso, optei por disponibilizar o livro gratuitamente em PDF, sem custo algum, e oferecer a versão impressa somente para quem deseja tê-la em mãos.

Essa escolha não nasce de desvalorização do trabalho, mas de compreensão do propósito.

O PDF gratuito amplia o alcance, permite que o conteúdo circule, seja lido, compartilhado e discutido, enquanto o impresso permanece disponível como objeto físico para quem valoriza essa experiência.

Cada Irmão pode escolher um caminho diferente, vender somente o impresso, vender ambas as versões ou oferecer conteúdos distintos em cada formato.

O importante é compreender que estratégia editorial não é fórmula, é coerência entre propósito, público e meio.

Não ter estoque em casa não é comodidade, é liberdade.

O Irmão deixa de ser refém de tiragens, de custos afundados e de expectativas irreais, e sustenta a obra no tempo, permitindo que ela encontre seus leitores gradualmente, sem pressão e sem desgaste.

Quando a impressão deixa de ser um peso e é um serviço sob demanda, o foco retorna para onde sempre deveria estar, na escrita, no pensamento e na responsabilidade de construir obras que façam sentido hoje e ainda façam sentido quando o tempo tiver passado.

OS PASSOS DE GIGANTES

“Aquele livro que você gostaria de ler, mas que ainda não foi escrito, é justamente o livro que você precisa escrever.”

Toni Morrison: Romancista norte-americana vencedora do Prêmio Nobel de Literatura e do Prêmio Pulitzer, reconhecida por unir profundidade estética, rigor histórico e reflexão sobre linguagem, memória e identidade humana.

“Uma palavra após a outra, após a outra, isso é poder.”
Margaret Atwood: Escritora canadense de projeção mundial, autora de romances, ensaios e poesia, conhecida pela precisão da linguagem e pela consciência crítica sobre o papel da escrita na sociedade.

“Uma boa prosa é como um vidro de janela.”
George Orwell : Escritor e ensaísta britânico cuja obra refletiu sobre clareza, honestidade intelectual e responsabilidade ética da linguagem, influenciando profundamente a escrita política e literária moderna.

“O perfeccionismo é a voz do opressor.”
Anne Lamott: Escritora e professora de escrita criativa norte-americana, autora de livros fundamentais sobre o processo de escrever, especialmente sobre bloqueios, medo e a necessidade de aceitar a imperfeição inicial do texto.

“Seja você mesmo. Todos os outros já existem.”

Oscar Wilde: Dramaturgo, ensaísta e romancista irlandês cuja obra marcou a literatura moderna pelo humor, pela crítica social e pela reflexão sobre identidade, estilo e liberdade criativa.

“Se você não tem tempo para ler, você não tem tempo nem ferramentas para escrever.”

Stephen King: Romancista norte americano amplamente lido no mundo inteiro, autor de *On Writing*, obra em que compartilha princípios práticos sobre disciplina, leitura constante e construção honesta do texto.

“Viva agora as perguntas. Talvez, sem perceber, você viva um dia até as respostas.”

Rainer Maria Rilke: Poeta e prosador austro-boêmio cuja correspondência sobre criação artística se tornou referência para escritores que buscam compreender a escrita como caminho interior e exercício de maturação espiritual.

“Um livro deve ser o machado que quebra o mar congelado em nós.”

Franz Kafka: Escritor de língua alemã cuja obra transformou a literatura do século XX ao explorar, com profundidade simbólica, a condição humana, a angústia e o sentido da existência.

“A Maçonaria é um sistema de moralidade, velado por alegorias e ilustrado por símbolos.”

Albert Gallatin Mackey: Médico, erudito e autor maçônico do século XIX, responsável por obras fundamentais de sistematização simbólica e histórica que moldaram o estudo maçônico moderno.

“Aquilo que não pode ser dito diretamente deve ser sugerido ao espírito.”

Albert Pike: Jurista, filósofo e escritor maçônico norte-americano do século XIX, autor de *Morals and Dogma*, conhecido por tratar a linguagem simbólica como instrumento de reflexão, não de imposição, influenciando profundamente a tradição interpretativa da Maçonaria.



REFLEXÃO PESSOAL

Toda obra começa na mente, porque é ali que o mundo primeiro existe.

Hermes já nos sussurra, desde o princípio, que o universo é mental, e quem escreve participa desse mesmo gesto primordial.

Antes da palavra, a mente idealiza, sonha e organiza, ergue cidades invisíveis com pontes e edifícios, traça escolas e academias, desenha jardins, caminhos e linhas de comunicação.

Não se trata somente de uma cidade, mas de um mundo inteiro que ganha coerência, ritmo e respiração própria.

Assim como o Criador, por meio de uma fórmula da criação, fez surgir o mundo a partir do pensamento, o autor recria em si esse mistério quando concebe um universo antes mesmo de nomeá-lo.

Nesse espaço interior, personagens nascem e morrem conforme a vontade que os governa, histórias florescem ou se apagam conforme a ética silenciosa de quem escreve.

Tolkien, George Lucas e C. S. Lewis não inventaram somente personagens, eles gestaram mundos inteiros antes que qualquer habitante os percorresse.

Do mesmo modo, todo escritor verdadeiro cria, primeiro na mente, o lugar onde seus livros irão viver.

Só depois esses mundos geram filhos, páginas, histórias e vozes que caminham sozinhas, aguardando o momento de nascer no papel. Escrever é isso, dar forma visível a um mundo que já existia em silêncio, esperando ser habitado.”

Flávio Dellazzana

Escritor maçônico contemporâneo, dedicado à reflexão simbólica, histórica e iniciática, cuja obra busca unir rigor, consciência ética e a compreensão da escrita como ato de criação responsável.

PALAVRAS FINAIS

Ao chegar a este ponto, o livro que o Irmão pensava escrever já não é mais somente um desejo ou um projeto difuso, ele se transformou em percurso, método e responsabilidade assumida.

Se o Irmão caminhou com atenção por cada etapa, percebeu que escrever não é um ato isolado de inspiração, mas uma construção feita de constância, de escolhas conscientes e de respeito pelo tempo que a obra exige para amadurecer sem violência.

Publicar um livro não encerra a jornada do Irmão, somente conclui um ciclo específico dentro dela.

O texto que agora ganha forma deixa suas mãos e existe no mundo, encontrando leitores, interpretações, concordâncias e discordâncias que já não lhe pertencem inteiramente.

Esse desprendimento faz parte do ofício, e aceitá-lo com serenidade é sinal de maturidade, pois a obra cumpriu seu papel quando foi escrita com verdade e entregue com dignidade.

Se algo deve permanecer depois da leitura deste livro, que seja a compreensão de que escrever é menos sobre talento excepcional e mais sobre compromisso cotidiano.

Compromisso de sentar, mesmo sem vontade plena, compromisso de revisar, mesmo quando o cansaço solicita pressa, compromisso de respeitar o leitor sem trair a própria voz. É nesse equilíbrio entre firmeza e humildade que a escrita se sustenta ao longo do tempo.

Que o Irmão siga escrevendo com cuidado, sem ansiedade por resultados imediatos, entendendo que cada livro ensina algo ao Irmão antes de ensinar ao mundo.

Que a publicação deste primeiro, ou deste próximo livro, não seja um ponto final, mas uma vírgula bem colocada em uma trajetória que ainda tem muito a dizer.

Quando o processo é vivido com honestidade, cada obra se torna não somente um texto impresso, mas um registro legítimo de um pensamento que encontrou forma, atravessou o tempo necessário e foi entregue ao mundo no momento certo.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023, Informação e documentação, Referências, Elaboração. Rio de Janeiro, ABNT, 2018.

Câmara Brasileira do Livro

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520, Informação e documentação, Citações em documentos, Apresentação. Rio de Janeiro, ABNT, 2002.

Karina Bezerra

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724, Informação e documentação, Trabalhos acadêmicos, Apresentação. Rio de Janeiro, ABNT, 2011.

Bibliotecas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024, Informação e documentação, Numeração progressiva das seções de um documento, Apresentação. Rio de Janeiro, ABNT, 2012.

University of Chicago Press

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027, Informação e documentação, Sumário, Apresentação. Rio de Janeiro, ABNT, 2012.

Serviços e Informações do Brasil

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. A arte da pesquisa. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, Presidência da República, 1998.
Amazon

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. Transição do ISBN, CBL como Agência Brasileira do ISBN a partir de 01 de março de 2020. São Paulo, CBL, 2020

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 26. ed. São Paulo, Perspectiva, 2016.

GRAFTON, Anthony. The footnote, A curious history. Cambridge, Harvard University Press, 1997.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo, Ática, 1996.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência, O futuro do pensamento na era da informática. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

NORTON, Scott. *Developmental editing, A handbook for freelancers, authors, and publishers*. Chicago, The University of Chicago Press, 2019.

PINKER, Steven. *The sense of style, The thinking person's guide to writing in the 21st century*. New York, Viking, 2014.

THE CHICAGO MANUAL OF STYLE. 17. ed. Chicago, The University of Chicago Press, 2017.
Wikipédia



BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BIRD, Anne Lamott. Bird by bird, Some instructions on writing and life. New York, Anchor Books, 1995. Uma escola de constância e honestidade, especialmente valiosa para a fase na qual o texto nasce imperfeito, mas vivo, e o escritor precisa continuar mesmo quando a autocrítica tenta fechar a porta.

KING, Stephen. Sobre a escrita, A arte em memórias. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001. Um relato direto, sem pose, que ajuda a entender rotina, reescrita e maturação de voz, funcionando muito bem como companhia para quem atravessa a disciplina do dia a dia.

ZINSSER, William. On Writing Well, The Classic Guide to Writing Nonfiction. 30th anniversary ed. New York, Harper Perennial, 2006. Um guia de clareza e corte, essencial para o Irmão que escreve não ficção e precisa aprender a retirar peso sem empobrecer o conteúdo.

WILLIAMS, Joseph M.; BIZUP, Joseph. Style, Lessons in clarity and grace. 12. ed. Boston, Pearson, 2016. Uma obra de técnica real, que ensina a construir frases que respiram e parágrafos que conduzem o leitor com lógica, útil para revisão profunda quando o texto já existe.

CLARK, Roy Peter. Writing tools, 55 essential strategies for every writer. New York, Little, Brown Spark, 2006. Um conjunto de ferramentas curtas, porém consistentes, que funciona como oficina prática para lapidar ritmo, ênfase e coesão sem transformar a escrita em burocracia.

STRUNK, William; WHITE, E. B. The elements of style. 4. ed. New York, Longman, 1999. Um clássico de concisão, que deve ser lido com discernimento, pois suas regras são mais prescritivas, mas ainda assim ajuda a reconhecer vícios de linguagem e excesso de adjetivação.

PRESSFIELD, Steven. The war of art, Break through the blocks and Win Your Inner Creative Battles. New York, Black Irish Entertainment, 2002. Um lembrete duro e útil sobre resistência, procrastinação e começo, servindo bem ao capítulo da rotina e ao combate à fricção inicial.

CLEAR, James. Hábitos atômicos, Um método fácil e comprovado de criar bons hábitos e se livrar dos maus. Rio de Janeiro, Alta Books, 2019. Ajuda a transformar a escrita em sistema, conversando diretamente com a sua defesa de cadência como alicerce invisível do livro.

NEWPORT, Cal. Trabalho focado: Como ter sucesso em um mundo distraído. Rio de Janeiro, Objetiva, 2016. Um apoio forte para o escritor que se perde em dispersões digitais e precisa criar blocos de atenção real, especialmente quando a pesquisa ameaça engolir a escrita.

MCGEE, Robert. Story, Substance, structure, style, and the principles of screenwriting. New York, ReganBooks, 1997. Mesmo para não ficção, ensina arquitetura de interesse e progressão, útil quando o Irmão quer que capítulos tenham tensão intelectual e não sejam somente exposição linear.

TRUBY, John. The anatomy of story, 22 steps to becoming a master storyteller. New York, Farrar, Straus and Giroux, 2007. Uma cartografia de estrutura narrativa que ajuda o escritor a enxergar promessa, percurso e entrega, muito alinhada ao seu Teste do Leitor aplicado ao sumário.

HART, Jack. Storycraft, The Complete Guide to Writing Narrative Nonfiction. Chicago, The University of Chicago Press, 2011. Talvez um dos melhores caminhos para quem escreve história e não ficção com ambição literária seja ensinar a unir precisão factual e construção de leitura envolvente sem falsificar o real.

COMO ESCREVER UM LIVRO

RESUMO VISUAL



O AUTOR



Flávio Dellazzana, iniciado em 15/04/2002,
ARBLS Pedra Cintilante nº 60, Itapema — SC.
Atualmente é obreiro da ARLS Santo Graal nº 167.

Tendo sido eleito para o cargo de Venerável Mestre em 2007. Atuou como membro da Comissão de Administração do Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC).

Destacou-se como colaborador na reestruturação dos manuais de instrução do Rito Adonhiramita, além de contribuir na reedição do IV Volume do Manual Adonhiramita (2015).

Exerceu ainda o cargo de Secretário Adjunto do Grão-Mestre para o Rito Adonhiramita entre 2008 e 2009.

Na vertente filosófica do Rito Adonhiramita, galgou o Grau 13, Cavaleiro Noaquita, sendo Sapientíssimo da Loja de Perfeição Adonhiram, no Vale de Itajaí, em 2010, e Poderoso Mestre do Capítulo Ayres Gevaerd, em 2011.

Foi também um dos responsáveis pela construção do Templo Filosófico da Loja de Perfeição Adonhiram e fundador da Loja de Perfeição Arno Gebler, no Vale de Joinville.

Em 2011, junto ao Irmão Toni Haag, fundou a ARLS Monteiro Lobato n.º 132, dedicada ao Rito de York, onde exerceu o cargo de Venerável Mestre na gestão 2012/2013.

Desde então, passou a dedicar-se ao Rito de York, tanto na sua vertente simbólica quanto filosófica.

Entre suas contribuições, destacam-se: a fundação e instalação de diversas Lojas do Rito de York: Harmonia e Perseverança n.º 108,

Thomas Smith Webb n.º 158 (Florianópolis), Natureza e Harmonia n.º 160 (Urubici), Pérola do Vale n.º 162 (Timbó), Santo Graal n.º 167 (Porto Belo), Acácia Negra n.º 173 (Blumenau), Cavaleiros de Aço n.º 164 (Loja itinerante) e Labor e Concórdia n.º 146 (Lages).

Foi responsável pela tradução, adaptação e edição de importantes manuais ritualísticos: Manual de Instalação e Posse, Manual de Instalação de Loja, Manual de Loja de Mesa, Manual de Pompa Fúnebre e Manual de Sessão Pública, todos voltados ao Rito de York.

A produção, em conjunto com a Secretaria de Formação Maçônica, dos Cadernos de Estudo (NAEM) para Aprendizes e Companheiros, além dos temas instrucionais para todos os Graus simbólicos.

Contribuiu com o Irmão Charles Claudio Scheel para a criação dos Compêndios de Instrução do Rito de York para AM, CM e MM 2025.

Atuou como Revisor e Editor dos Rituais de Aprendiz, Companheiro e Mestre nas edições de 2020, 2022, e atual no 2026 em desenvolvimento.

Representou o Grande Oriente de Santa Catarina na International Grand Lectures Convention em Nova York em 2020 e 2023.

Exerceu os cargos de Secretário Adjunto de Liturgia e Ritualística (2017–2020) e Secretário de Ritualística e Liturgia para o Rito de York (2020–2023).

No campo dos Altos Graus do Rito de York, é fundador do Capítulo Santo Graal n.º 22 de Maçons do Real Arco, em Itajaí, fundado em 2004, onde permanece ativo.

Foi Sumo Sacerdote do Capítulo em 2013, sendo investido na Ordem dos Sumo Sacerdotes Ungidos. Recebeu os Graus de Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre no Conselho Críptico Santo Graal n.º 14, onde também exerceu o ofício de Ilustre Mestre, tendo recebido a Ordem da Trolha de Prata.

Recebeu os Graus da Ordem da Cruz Vermelha, Cavaleiro de Malta e Cavaleiro Templário, bem como a Ordem dos Sábios Cavaleiros de Cristo.

Foi fundador e primeiro Comandante da Comanderia Santo Graal n.º 37 dos Cavaleiros Templários.

É membro dos Graus filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito, tendo alcançado o Grau 32 no Consistório “Sol Nascente” dos Príncipes do Real Segredo do Supremo Conselho do Grau 33º.

É Mestre Escocês de Santo André, vinculado à Prefeitura de Santa Catarina e ao Grande Priorado do Brasil da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa.

Dedicou-se à juventude por meio do Movimento Escoteiro, no qual atuou por 15 anos, desde Lobinho até Chefe.

Embora não tenha sido DeMolay, se dedicou à Ordem, onde foi Membro e Presidente do Conselho Consultivo do Capítulo Harmonia Itajaiense n.º 231 (2011–2014), tendo recebido a Cruz de Honra DeMolay.

Especialista em Maçonologia, História e Filosofia, com pós-graduação lato sensu pela UNINTER.

Coordenou o II Congresso Estadual do Rito de York — GOSC (13–14/09/2025)

Participou do curso “Maçonaria e Universidade” (UFF, 30h, set/2025)

Foi nomeado Membro da Grande Comissão de Ritualística do Real Arco do Brasil (Ato 027/2025, 07/10/2025).

Fundador da Saint John’s Lodge (27/12/2025) no Rito de Emulação — GOSC.

É coautor dos livros:

O Caminho do Aprendiz no Rito de York, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel.

O Caminho do Companheiro no Rito de York, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel.

O Caminho do Mestre Maçom no Rito de York, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel.

Autor dos Livros:

História da Maçonaria e Origem do Rito de York. Clube de Autores (2023).

Os Véus da Sabedoria: Moral, Filosofia e Revelações do Real Arco. Clube de Autores (2025).

Mestre de Marca: A Arte de Deixar Marcas. Clube de Autores (2025).

Past Master: História e Tradição. Clube de Autores (2025).

Mui Excelente Mestre: Quando a última Pedra une a Terra e o Céu. Clube de Autores (2025).

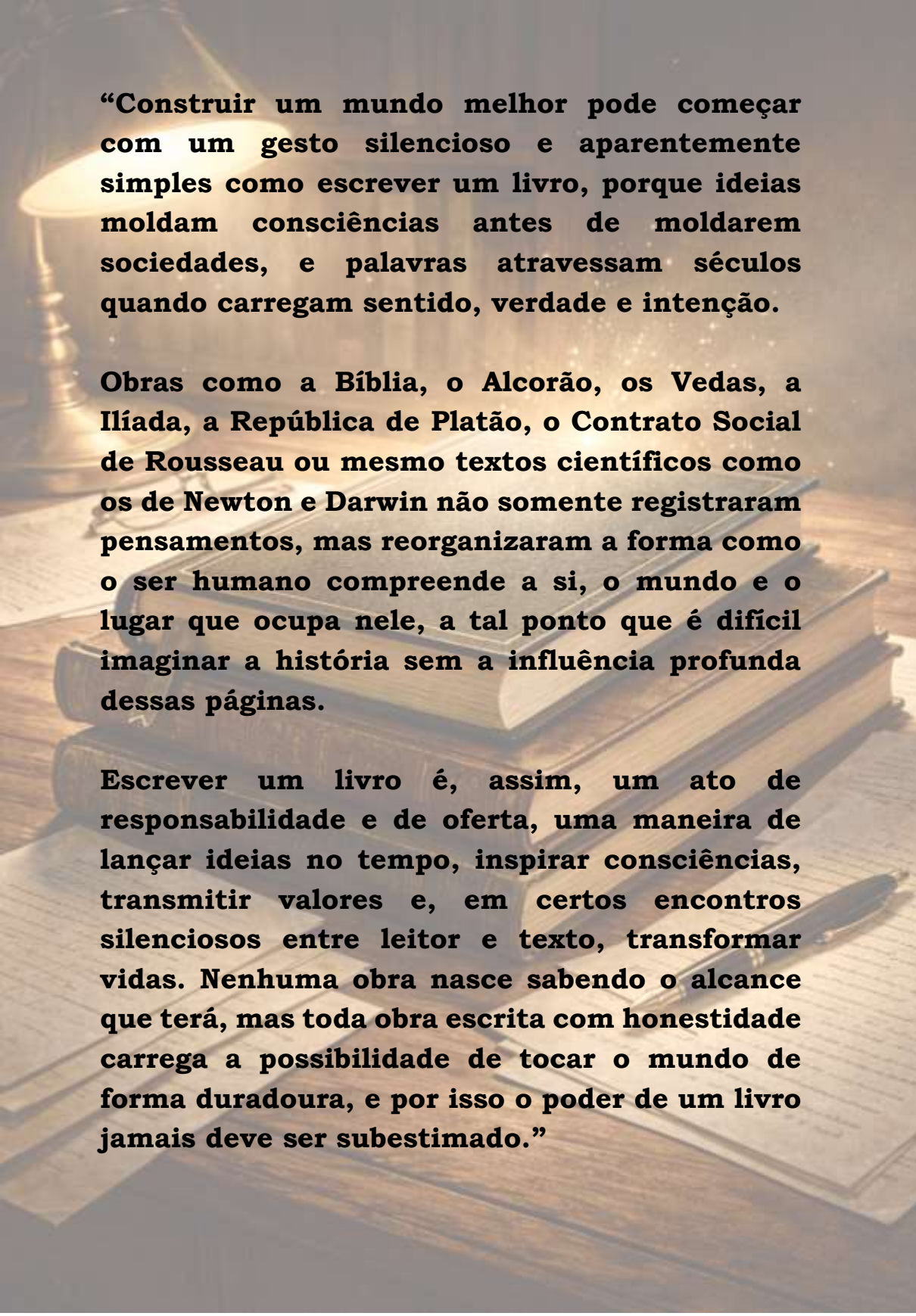
Maçom do Real Arco: Sob os Arcos da Antiga Aliança em Jerusalém. Clube de Autores (2025).

Os Graus Crípticos: O Arco Secreto e a Câmara do Silêncio. Clube de Autores (2025).

As Ordens de Cavalaria: À Luz da Fé e o Fogo da Espada. Clube de Autores (2025).

A Ordem da Trolha de Prata. Clube de Autores (2025).

A Luz da Verdade — Um guia público para conhecer a Maçonaria. Clube de Autores (2025).



“Construir um mundo melhor pode começar com um gesto silencioso e aparentemente simples como escrever um livro, porque ideias moldam consciências antes de moldarem sociedades, e palavras atravessam séculos quando carregam sentido, verdade e intenção.

Obras como a Bíblia, o Alcorão, os Vedas, a Ilíada, a República de Platão, o Contrato Social de Rousseau ou mesmo textos científicos como os de Newton e Darwin não somente registraram pensamentos, mas reorganizaram a forma como o ser humano compreende a si, o mundo e o lugar que ocupa nele, a tal ponto que é difícil imaginar a história sem a influência profunda dessas páginas.

Escrever um livro é, assim, um ato de responsabilidade e de oferta, uma maneira de lançar ideias no tempo, inspirar consciências, transmitir valores e, em certos encontros silenciosos entre leitor e texto, transformar vidas. Nenhuma obra nasce sabendo o alcance que terá, mas toda obra escrita com honestidade carrega a possibilidade de tocar o mundo de forma duradoura, e por isso o poder de um livro jamais deve ser subestimado.”